



Universidade de Aveiro
2023

WENYUJIE ZHANG

**Atos de Fala Indiretos e Implicaturas
Conversacionais: um estudo com alunos chineses
de PLE**



Universidade de Aveiro
2023

WENYUJIE ZHANG

**Atos de Fala Indiretos e Implicaturas
Conversacionais: um estudo com alunos chineses
de PLE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Sara Topete de Oliveira Pita, professora auxiliar convidada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha orientadora, aos meus familiares e amigos pelo seu incansável apoio.

o júri

presidente

Doutor Leonardo Lennertz Marcotulio

Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (presidente)

Doutora Dina Maria da Silva Baptista

Professora Adjunta Convidada da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de
Águeda da Universidade de Aveiro (arguente)

Doutora Sara Topete de Oliveira Pita

Professora Auxiliar Convidada da Universidade de Aveiro (orientador)

agradecimentos

Os anos de universidade passaram rapidamente e em breve estou a chegar ao fim da minha vida universitária. Agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram. Respeitaram todas as decisões que tomei, quer escolhesse ir à Universidade de Aveiro que estava tão longe de casa, quer escolhesse estudar a língua portuguesa, sempre acharam que era ótima opção e encorajaram-me a insistir.

Agradeço à minha orientadora, a Prof^a Sara Pita. Como orientadora da minha tese, tem sido muito paciente e responsável, examinando a minha tese palavra por palavra e propondo as suas emendas, de forma a que eu pudesse encontrar uma direção clara.

Agradeço às minhas amigas que sempre me apoiaram — a Filomena, a Leonor, a Lívia, a Luísa e a Sabrina, aceitando as minhas imperfeições, partilhando comigo as alegrias da vida, motivando-nos e apoiando-nos mutuamente, e enchendo a minha vida com o calor de ser cuidada.

Muitíssimo obrigada a todos aqueles que me ajudaram durante estes anos.

palavras-chave

atos de fala indiretos, implicaturas conversacionais, pragmática, cultura portuguesa, alunos chineses.

resumo

A presente dissertação concentra-se nos atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais em pragmática. Com base no Princípio da Cooperação de Grice e na Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle, a presente dissertação analisa os objetivos e motivos dos locutores quando utilizam essas duas estratégias discursivas, a fim de ilustrar a importância da combinação do raciocínio lógico, do conhecimento cultural e do contexto concreto para inferir as verdadeiras intenções dos locutores.

Num contexto de aprendizagem do português como língua estrangeira, os atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais causam frequentemente dificuldades na compreensão das intenções reais dos falantes. Neste sentido, na presente dissertação, aplicar-se-á um teste a estudantes chineses de Português como Língua Estrangeira da Universidade de Aveiro para estudar a compreensão das implicaturas conversacionais e dos atos de fala indiretos por parte de estudantes chineses na aprendizagem do português, analisá-los e resumi-los. Os dados obtidos revelam que os alunos, após exposição aos conceitos de atos de fala indiretos e de implicatura conversacional, são capazes de os reconhecer e de os interpretar, e que identificam os efeitos positivos destas estratégias.

keywords

indirect speech acts, conversational implicatures, pragmatics, Portuguese culture, Chinese students.

abstract

This dissertation focuses on indirect speech acts and conversational implicatures in pragmatics. Based on Grice's Cooperation Principle and Austin and Searle's Speech Act Theory, this dissertation analyzes speakers' goals and motives when using these two discursive strategies to illustrate the importance of combining logical reasoning, cultural knowledge and concrete context to infer speakers' true intentions.

In a context of learning Portuguese as a foreign language, indirect speech acts and conversational implicatures often cause difficulties in understanding speakers' real intentions. In this sense, this dissertation will apply a test to Chinese students of Portuguese as a Foreign Language at the University of Aveiro to study the comprehension of conversational implicatures and indirect speech acts by Chinese students learning Portuguese, analyze and summarize them. The data obtained shows that students, after being exposed to the concepts of indirect speech acts and conversational implicature, can recognize and interpret them and that they identify the positive effects of these strategies.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1 Interação Verbal	3
1.1.1 Significado Natural.....	4
1.1.2 Significado Não-Natural	4
1.2 Implicaturas Conversionais	7
1.2.1 Princípio da Cooperação de Grice	7
1.2.2 Objetivo e Motivo da Utilização das Implicaturas Conversionais	11
1.2.3 Diferenças entre Implicatura Conversacional e Convencional	16
1.2.4 Importância do Raciocínio Lógico nas Implicaturas	19
1.3 Atos de Fala Indiretos	20
1.3.1 Teoria dos Atos de Fala de Austin	20
1.3.2 Teoria dos Atos de Fala de Searle	23
1.4 Implicaturas Conversionais e Atos de Fala Indiretos em Português	24
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	27
2.1 Objetivo do Estudo	27
2.2 Apresentação do teste	28
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TESTE	31
3.1 Amostra.....	31
3.2 Análise dos exercícios	34
3.2.1 Resultados dos Exercícios de Parte 2	34
3.2.2 Resultados dos Exercícios de Parte 3	41
3.2.3 Resultados dos Exercícios de Parte 4	51
3.3 Análise Geral do Teste.....	59
CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA	63
ANEXOS	66

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Duração da aprendizagem de português	31
Gráfico 2 - Nível de proficiência do português	31
Gráfico 3 - Contacto com a língua portuguesa fora da sala de aula	32
Gráfico 4 - Línguas dominadas	33
Gráfico 5 - Resultados do Exercício 2.a).....	34
Gráfico 6 - Resultados do Exercício 2.b)	35
Gráfico 7 - Resultados do Exercício 2.c).....	36
Gráfico 8 - Resultados do Exercício 2.d)	37
Gráfico 9 - Resultados do Exercício 2.e).....	38
Gráfico 10 - Resultados do Exercício 2.f)	39
Gráfico 11 - Resultados do Exercício 2.g)	40
Gráfico 12 - Resultados do Exercício 4.a).....	52
Gráfico 13 - Resultados do Exercício 4.b)	53
Gráfico 14 - Resultados do Exercício 4.c).....	54
Gráfico 15 - Resultados do Exercício 4.d)	55
Gráfico 16 - Resultados do Exercício 4.e).....	57
Gráfico 17 - Resultados do Exercício 4.f)	58

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Respostas do Exercício 3.a)	41
Tabela 2 - Respostas do Exercício 3.b)	43
Tabela 3 - Respostas do Exercício 3.c).....	46
Tabela 4 - Respostas do Exercício 3.d)	48

Introdução

“A linguagem é uma forma de comportamento e um instrumento de ação.” (Lopes, 2018, p. 139).

Para manter relações sociais mútuas, as pessoas comunicam usando um código compartilhado, uma língua. Normalmente, as pessoas transmitem a sua mensagem de forma direta, no entanto, às vezes também utilizam várias estratégias discursivas para expressar significados implícitos, a fim de alcançar determinados objetivos comunicativos. Para que os interlocutores tenham uma compreensão das verdadeiras intenções dos locutores e para facilitar uma comunicação interpessoal eficaz, é necessário aprofundar o estudo destas estratégias discursivas, nomeadamente os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais. Além disso, devido às diferenças culturais entre os países, os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais também causam certos problemas comunicativos para os estudantes de línguas estrangeiras, tornando o estudo destas duas estratégias discursivas muito importante.

Como os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais são partes essenciais da pragmática, estes assumem uma grande importância na aprendizagem de uma língua estrangeira. A presente dissertação pretende, por um lado, aprofundar os atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais, ao mesmo tempo que procura identificar desvios na compreensão destes atos por parte de estudantes chineses que aprendem português e, por outro, explora o contraste com a sua língua materna, de modo a averiguar a potencial influência desta no processo interpretativo.

O presente trabalho é constituído por três capítulos. O primeiro capítulo centra-se na interação verbal (1.1), que é inseparável da vida quotidiana das pessoas, e em duas das estratégias discursivas que as pessoas utilizam frequentemente, a saber: implicaturas conversacionais (1.2) e atos de fala indiretos (1.3).

O segundo capítulo apresenta a metodologia desta dissertação, em particular o teste destinado a investigar a compreensão dos alunos chineses de PLE sobre o uso de implicaturas conversacionais e os atos de fala indiretos por falantes de português durante a conversação.

No último capítulo, resumem-se e analisam-se as dificuldades dos alunos chineses em compreender as duas estratégias discursivas mencionadas, bem como algumas das causas destas dificuldades, como a potencial influência da língua materna (3.2) e o impacto da cultura (3.3).

Espera-se que o estudo dos atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais ajude os estudantes chineses a compreender mais profundamente o verdadeiro significado dos falantes de português e assim a conhecer melhor as diferenças culturais entre português e chinês, para que os estudantes chineses utilizem mais adequadamente a língua portuguesa na conversação e tornem o seu discurso mais apropriado e de acordo com as expressões portuguesas.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1.1 Interação Verbal

A língua é um dos meios mais importantes utilizados pelas pessoas para comunicar; é um fenómeno social e um instrumento de transmissão de informação, que se encontra intimamente ligada ao pensamento das pessoas e é também um veículo da expressão do pensamento. Uma vez que cada país tem um contexto cultural diferente, existem línguas diferentes. A pragmática é um ramo da linguística que estuda o significado da língua num contexto específico (Watzlawick, 1967, p. 17). A questão do significado é um conceito muito importante no domínio da linguística, razão pela qual muitos linguistas, retóricos, filósofos e psicólogos têm tentado responder à questão do significado da língua a partir de diferentes perspetivas.

Na semântica, porém, o significado da língua é baseado no significado das frases e das próprias palavras, que normalmente são fixas e não se alteram de acordo com influências externas (Li & Xue, 2007, p. 59). Caso pretendamos estudar o significado da língua que as pessoas utilizam no quotidiano, o estudo do significado não pode simplesmente limitar-se ao nível do significado literal.

O linguista norte-americano H. P. Grice introduziu oficialmente a sua teoria do Significado Não-Natural em 1957 com a publicação de «*Meaning*» em «*The Philosophical Review*». Em vez de utilizar conceitos semânticos lógicos para analisar o significado das frases, ele tentou revelar a natureza da semântica, analisando as intenções comunicativas dos processos de comunicação verbal e não verbal (Li & Xue, 2007, p. 61). O autor distinguiu dois tipos de "significados", que são o **Significado Natural** e **Significado Não-Natural**, e utilizou os termos *communicative meaning* ou *nonnatural meaning* (*Meaning_{NN}*) para denominar o último. Em 1.1.1 da presente dissertação, apresenta-se o conceito de "significado natural", e em 1.1.2, o conceito de "significado não-natural".

1.1.1 Significado Natural

Na comunicação entre pessoas, o significado de certas palavras é frequentemente expresso sem intenções individuais secundárias por parte do locutor, e, ao mesmo tempo, o ouvinte entende-as total e claramente de uma forma literal. Grice (1957, p. 377) exemplifica com a frase: "*Those spots mean (meant) measles.*" Neste exemplo, o significado que o locutor pretendeu transmitir foi bastante claro e sem ambiguidades, o locutor não o disse com qualquer intenção própria, referindo simplesmente um facto, o que também pode ser entendido literalmente.

Geralmente, as expressões que refletem um significado natural têm que ver com as situações relativas a factos, de acordo com as palavras de Lopes (2018, p. 85). Por outras palavras, estão relacionadas com fenómenos naturais, do mundo externo, por exemplo, quando dizemos “nuvens carregadas”, isso significa que vai chover.

Quando o locutor se refere uma situação factual, isto mostra que ele é afirmativo sobre a situação e o significado do que ele diz não inclui qualquer outra intenção, ou seja, a vontade pessoal do interlocutor não desvia nem altera a mensagem que a frase pretende transmitir. Assim, as frases que transmitem o significado natural têm a tendência de transmitir informação ao interlocutor sobre um facto já existente e inquestionável; refletem as características internas de alguma coisa, e o significado literal da frase é evidente, razão pela qual os ouvintes podem entendê-lo sem inferência.

1.1.2 Significado Não-Natural

Ao contrário do significado natural, o significado não-natural corresponde ao que é intencionalmente criado pelo homem no processo de comunicação (Duan & Zhang, 2008, p. 86), o que equivale ao significado extra-litera. Grice também ilustra o que é significado não-natural, utilizando as seguintes frases:

(1) Those three rings on the bell (of the bus) mean that the bus is full. (Grice, 1957, p. 377)

(2) His cough means that he is seriously ill. (Grice, 1957, p. 378)

Por exemplo, em (1), podemos notar que os três sinos significam que o autocarro está cheio, mas não devido às suas características físicas; não existe nenhuma ligação natural entre os sinos e o autocarro estar cheio, tal como na escola o toque dos sinos significa o intervalo e o começo de aulas. Os sons do sino não têm estes significados, trata-se, por isso, de convenções artificiais, por outras palavras, as pessoas dão aos sinos significados diferentes em várias situações. Assim, a frase não revela uma relação direta entre "três sons de sino" e "autocarro está cheio", mas sim uma concordância artificial entre os dois, utilizando o significado não-natural.

No exemplo (2), na maioria dos casos, a tosse é uma manifestação de que a pessoa que tosse está doente, mas isto não é absoluto e há também suposições subjetivas do locutor. Não podemos excluir que outra situação possa causar a tosse, ou, talvez a pessoa que tosse esteja a tossir porque sente um cheiro pungente, ou talvez esteja a tossir por alguma razão para fingir que está doente. Não se deve simplesmente equiparar "ele está a tossir" a "ele está muito doente", porque existe uma suposição subjetiva, sendo que "muito doente" não é sempre verdade.

Este tipo de significado da expressão é uma forma de comunicação intencional, que também envolve intenções humanas, e é, portanto, "significado não-natural". Notamos também que, na comunicação real, o comportamento comunicativo humano é mais complexo e que as pessoas muitas vezes não transmitem a informação diretamente ao nível natural do significado, mas expressam mais frequentemente as suas intenções ao nível não natural. Grice (1957) defende que, em determinadas situações específicas de comunicação interpessoal, o significado de uma frase é determinado pela intenção do locutor. No entanto, exceto em situações como notícias, ensinamentos ou artigos científicos, etc., na vida quotidiana, os interlocutores normalmente não usam palavras demasiado diretas para expressar claramente o seu significado. Grice mencionada o seguinte exemplo (1957, p. 385): "Fiz um desenho do Sr. Y que mostrava tal intimidade para a Sra. X e mostrei-o ao Sr. X." A frase tenta transmitir o significado não-natural, visto que o locutor não afirma claramente qual é o seu objetivo ao mostrar o desenho ao Sr. X, deixando ao ouvinte a

identificação da intenção do locutor. Se o locutor pretende transmitir alguma mensagem ao ouvinte, ou levá-lo a pensar para chegar a alguma conclusão, etc., então as suas palavras transmitem significados não-naturais e o ouvinte deve interpretar as intenções fundamentais do locutor. É evidente que uma característica importante do significado não natural é que o significado é apreendido pelo ouvinte de uma forma particular (Huang, 2014, p. 97).

There will be cases where an utterance is accompanied or preceded by a conscious "plan," or explicit formulation of intention (e.g., I declare how I am going to use x, or ask myself how to "get something across"). The presence of such an explicit "plan" obviously counts fairly heavily in favor of the utterer's intention (meaning) being as "planned". (Grice, 1957, p. 386)

Grice tenta dividir os enunciados em duas categorias: " significado natural" e " significado não natural", contudo, na realidade, qualquer frase tem ambos os significados (Li & Xie, 2004, p. 189). Mesmo uma fórmula matemática como " $1 + 1 = 2$ ", pode refletir a intenção do locutor quando colocada num determinado contexto. Na comunicação quotidiana, se alguém menciona " $1 + 1 = 2$ " quando se fala de algo, o falante talvez esteja a implicar que "Isto é uma coisa muito simples, mas não sabes!" ou "Esta coisa é tão simples como $1+1=2!$ ".

Portanto, a "teoria do significado" de Grice tem sido um tema filosófico controverso que tem sido discutido em ambas as comunidades filosóficas e pragmáticas da linguagem. Na comunicação do dia a dia, o diálogo tem mais do que o significado natural da língua, mas na maioria das vezes não podemos analisar e explicar a expressão no sentido literal. Neste sentido, o contexto tem um papel importante e ajuda-nos a definir o significado das palavras do falante ou quais são as intenções do falante, para que possamos responder adequadamente.

1.2 Implicaturas Conversacionais

1.2.1 Princípio da Cooperação de Grice

Os princípios de conversação são uma parte significativa da investigação no campo da pragmática, apresentados pelo filósofo americano Grice, em 1967, nas suas conferências em *Logic and conversation*.

O princípio de cooperação de Grice e o princípio de cortesia de Leech constituem os principais princípios de orientação para derivar significados conversacionais, que até certo ponto regulam o comportamento de comunicação verbal das pessoas e constituem a base principal para derivar significados conversacionais. Grice considera que, em circunstâncias normais, as conversas das pessoas não consistem numa sequência de palavras desorganizadas e incoerentes, mas que fazem algum esforço para cooperar mais ou menos. Porque os participantes numa conversa têm, em certa medida, um objetivo ou conjunto de objetivos comuns, ou uma direção aceitável para ambas as partes na conversa. (Jin, 2005, p. 3)

Para se conseguir uma comunicação bem-sucedida, deve-se cumprir um princípio básico, de forma consciente ou inconsciente, que é "oferecer palavras adequadas ao objetivo ou direção da conversa em que se está envolvido" (Levinson, 1983, p.101). Trata-se do Princípio da Cooperação, segundo Grice, um princípio geral que pode muitas vezes ser subdividido em várias máximas específicas. Desta forma, estabelecem-se quatro máximas correspondentes sob o princípio da cooperação (Lopes, 2018, p. 87), que são:

- 1) Máxima da qualidade: tenta fazer com que a tua contribuição seja verdadeira:
 - (i) não digas o que crês ser falso;
 - (ii) não digas aquilo para que não tens provas adequadas.

- 2) Máxima da quantidade:
 - (i) faz com que a tua contribuição seja tão informativa quanto é requerido (para a presente finalidade da interação);

(ii) não tornes a tua contribuição mais informativa do que é requerido.

3) Máxima da Relação: sê relevante.

4) Máxima do Modo: sê claro:

- (i) evita obscuridade de expressão;
- (ii) evita ambiguidades;
- (iii) sê breve (evita desnecessária prolixidade);
- (iv) sê ordenado.

Depois do surgimento dos princípios de conversação, as conversas serão analisadas e catalogadas consoante o seu cumprimento ou não cumprimento.

O princípio da cooperação é um dos requisitos prévios para uma comunicação com sucesso, e na maioria dos casos, ambas as partes iniciam uma conversa com o suposto respeito pelo princípio da cooperação, por outras palavras, que o locutor expressa as suas ideias e o ouvinte compreende-as sem quaisquer obstáculos (Bian, 2015, p.10). Entretanto, na vida real, os falantes violam frequentemente um dos princípios de cooperação, intencionalmente ou não, e o ouvinte sabe que a outra pessoa está a violar o princípio da cooperação com a intenção de manter a conversa, pelo que o ouvinte vai inferir o significado implícito nas várias expressões diferentes com base no contexto e nos seus próprios conhecimentos gerais e capacidade cognitiva. A seguir, analisar-se-ão mais especificamente a violação destas quatro máximas a partir de alguns exemplos mais simples e claros, mas também conversas mais complexas numa série de viagens — *Flower and adolescence*.

As seguintes interações são exemplos de violações da máxima da qualidade:

(3) A: Como estão as coisas?

B: Estou quase morto. (Ma, 2018, p.29)

Neste diálogo, A pergunta a B como é que este está, e B exagera ao dizer que está a "morrer". Contudo, é claro que B está bem e vivo e a sua afirmação de que está a morrer é

incorreta e viola a máxima de qualidade, mas desta forma B mostra que está de uma forma má e que está a sofrer.

Contexto: Em *Flower and adolescence*, vários atores que acabam de se conhecer chegaram ao Brasil, e na sua primeira paragem da viagem, alugaram um carro no aeroporto para se dirigirem ao seu local de residência e começaram a conversar no carro:

A: Penso que temos de evitar sair à noite porque é particularmente perigoso.

B: Não faz mal, vou protegê-lo. (Bian, 2015, p. 17)

No fragmento do diálogo acima referido, B não tem a certeza se ela defenderia A caso ocorresse um perigo verdadeiro, no entanto, naquela situação, B já disse que a protegerá, o que não é escrupuloso e é uma violação da máxima da qualidade, mas esta resposta não transmite uma atitude não cooperativa, pelo contrário, ela aproveita a violação da máxima para expressar uma atitude de cooperação e, implicitamente, enviar um sinal a A de que ela quer ser sua amiga.

Exemplos de violações da máxima da quantidade:

(4) Esposa: Onde vais?

Marido: Fora. (Ma, 2018, p.30)

Nesta conversa, o marido simplesmente responde "fora" e não responde à pergunta da esposa, violando a máxima de quantidade por não exprimir a quantidade de informação necessária para satisfazer a comunicação atual, implicando "não quero dizer" e "deixe-me em paz".

(5) Contexto: Ainda em *Flower and adolescence*, vários atores chegam à floresta amazónica e encontram-se num navio de cruzeiro.

A: Este rio é muito profundo?

C: Desça lá, veja e diga-nos a resposta. (Bian, 2015, p. 17)

C não ofereceu a A a resposta que queria e violou a máxima da quantidade. O que ele está a tentar dizer é que a pergunta feita por A não vale a pena ser respondida. C pensa que o rio é o Amazonas, pelo que o rio não deve ser superficial, por isso, não quer dar uma resposta séria a uma pergunta de senso comum como esta. C usou uma linguagem humorística para expressar as suas opiniões.

Exemplos de violações da máxima da relação:

(6) A: Vamos ao cinema!

B: Há exames a chegar! (Ma, 2018, p.30)

A convida B a ir ao cinema, mas B responde que tem um exame a aproximar-se e não responde ao convite de A. As duas frases do diálogo não estão relacionadas e parecem estar fora de contexto, violando a máxima da relação. Mas B expressa a razão por que não pode ir ao cinema com A. A frase também implica que B não pode ir ao cinema.

(7) Contexto: Os atores estão agora no aeroporto à espera do seu avião:

D: Oferecem comida no avião?

C: Porque é que vocês dormem tão tarde todos os dias, estou um pouco confuso, faço o pequeno-almoço e vocês não o comem. (Bian, 2015, p. 18)

C violou a máxima da relação. C não respondeu à pergunta de D, mas disse que D se levantou tarde e não tomou o pequeno-almoço que C cozinhou, C queria dizer: "levantei-me de manhã e preparei o pequeno-almoço para todos, não o comeste, e agora queres comer uma refeição de avião, eu estou um pouco chateado".

E, por fim, um exemplo de violação da máxima do modo:

(8) Contexto: Os atores caminham no aeroporto, o vestido de A é longo:

E: O teu vestido é um pouco indiano, não é?

A: Um pouco de quê?

E: Veja a limpeza do chão. (Bian, 2015, p. 18)

Não segue o princípio do modo quando E responde à pergunta de A. Ele queria transmitir a intenção de que o vestido de A era comprido. Em vez de dizer isso de uma forma clara e breve, ele optou por contornar a intenção ao dizer que o vestido dela limpava o chão, o que permite a A a deduzir que o comprimento do vestido foi a causa. A forma como E fala não é suficientemente clara para transmitir o significado das palavras, mas também tem uma função de humor, e o ouvinte poderá perceber o verdadeiro significado de E se pensar um pouco nisso. Isto também cria uma atmosfera dinâmica para a equipa.

A análise do significado em contextos comunicativos autênticos mostra que o significado implícito só pode ser transmitido com exatidão se todos os interlocutores estiverem colocados no mesmo contexto, pois só assim será perceptível para o ouvinte. Nas palavras de Jin Li (2005, p. 24), quando o ouvinte não encontra razão para que o locutor viole o princípio da cooperação, ele faz uma suposição básica antes para deduzir o verdadeiro significado do locutor com base no contexto.

1.2.2 Objetivo e Motivo da Utilização das Implicaturas Conversacionais

Para Grice, a violação das máximas por parte do falante produz certas “implicaturas”, cuja identificação permite a reconstrução dos elementos implícitos da conversa. A ironia e a insinuação são exemplos de usos da linguagem onde ocorre a violação das máximas, já que o falante tem como intenção produzir um *significado diferente* do que o meramente literal (Chapman, 2007, p.2).

De acordo com o princípio da cooperação, parece ser necessário as pessoas dizerem o que querem sem rodeios e de uma forma direta. Contudo, sabemos que não é possível ser sempre muito direto em todas as ocasiões. Nestas situações, ou quando alguém o decide fazer conscientemente, está a violar as normas, o que pode traduzir-se numa comunicação ineficiente. Uma das razões pelas quais se desrespeitam as máximas da cooperação é, por exemplo, o facto de algumas palavras demasiado simples poderem ser emocionalmente pesadas ou serem mal-interpretadas pelo ouvinte. As suas motivações e objetivos são também diversos e podem ser resumidos como se apresenta a seguir:

1. Demonstrar Cortesia

Os seres humanos são animais sociais complexos, e o seu comportamento social é um fenómeno social complicado, portanto as relações interpessoais precisam de ser sustentadas. Por isso, é necessário mencionar o Princípio da Delicadeza de Leech (1983). Nas palavras de Li Xiaoyu, o princípio da cortesia "salvou" em certa medida o princípio da cooperação. O ponto fundamental de Leech é resolver essencialmente o conflito entre os princípios da cooperação e as relações humanas (Li, 2021, p. 222).

Se o princípio da cooperação serve para regular o conteúdo do discurso do orador, o princípio da delicadeza tem uma regulamentação mais elevada e profunda. Leech (1983) defende que, na comunicação, o locutor deve tentar fazer com que o ouvinte se sinta respeitado, a fim de facilitar a continuação da comunicação, e, por isso, propõe seis máximas (Cunha & Oliveira, 2020, p.144):

1) Máxima do tato:

- a) Minimize o custo para o “outro”;
- b) Maximize o benefício para o “outro”

Por exemplo: “Pode emprestar-me a sua borracha, se faz favor?” (Oferecer aos outros mais vantagens) em vez de “Empreste-me a sua borracha.” (Colocar os outros em desvantagem) (Li, 2021, p. 221)

2) Máxima da generosidade:

- a) Minimize o benefício para o “eu”;
- b) Maximize o custo para o “eu”.

Por exemplo: tente não usar “Dê-me esse livro.”, mas sim “Pode passar-me esse livro, se faz favor?” Esta última expressão tem um tom de “pedido”, o que é mais educado e pode fazer o locutor parecer mais simpático e educado (Li, 2021, p. 222).

3) Máxima da aprovação:

- a) Minimize o desagrado para o “outro”;
- b) Maximize o elogio para o “outro”.

Por exemplo: "Talvez a criança seja um pouco lenta" em vez de "Esta criança é mesmo estúpida". Isto salvará a autoestima e a face da criança, sem prejudicar a autoconfiança da criança.

4) Máxima da modéstia:

- a) Minimize o elogio para o “eu”;
- b) Maximize o desagrado para o “eu”.

Por exemplo:

(11a) Não é nenhuma iguaria, mas, por favor, prove-a. (Li, 2021, p. 222)

(11b) Isso é apenas um pequeno presente, por favor, guarde-o. (Li, 2021, p. 222)

5) Máxima da concordância:

- a) Minimize a discórdia entre o “eu” e o “outro”;
- b) Maximize a concórdia entre o “eu” e o “outro”;

Como exemplo, temos a seguinte conversa entre três pessoas:

(12a) O verão em Pequim é muito quente.

(12b) Em Xangai, também.

(12c) Sim. Este verão está mesmo calor. (Li, 2021, p. 222)

6) Máxima da simpatia:

- a) Minimize a antipatia entre o “eu” e o “outro”
- b) Maximize a simpatia entre o “eu” e o “outro”.

Por exemplo, o seguinte diálogo:

(13a) Haverá um exame de história na próxima segunda-feira, e infelizmente, perdi o meu manual escolar.

(13b) Que pena. Há quem diga que a história é difícil. (Li, 2021, p. 224)

2. Evitar o Embaraço

O "Princípio da Ironia" (The Irony Principle)¹ no trabalho de Leech refere-se à utilização de discurso claramente amigável para transmitir significados de conversação não amigável e ofensiva. Mas ao contrário, o "princípio da brincadeira" (The Banter Principle)² refere-se à utilização de discurso ofensivo e grosseiro para transmitir significados amigáveis (Bian, 2015, p. 42).

(14) Contexto: F torna-se um novo guia.

F: O Monte dos Sinais. Vamos às 15:00, já marquei tudo.

A: Certo?

F: Sim. (A começou a aplaudir) Não há necessidade. (Com sorriso envergonhado)

A: Não, não. Estou a dar palmadinhas na areia das minhas mãos. (Bian, 2015, p. 45)

Neste cenário, F pensou que estava a ser aplaudido pelos seus esforços, mas as "palmadinhas na areia" de A são, aparentemente, um ataque à face. Erving Goffman foi um dos primeiros a introduzir o conceito de "*Face-work*", defendendo que os interlocutores mantêm a sua face através de um conjunto de ações de preservação. O *face-work* serve para evitar "incidentes" (Goffman, 1955, p. 12). Quer dizer, quando um ato ameaça a face do interlocutor, então o interlocutor fará ou dirá algo para equilibrar o seu embaraço. Exemplificando, A está a aplaudir F pela sua seriedade e responsabilidade, mas sentindo que F está envergonhado, diz em tom de brincadeira que está "a dar palmadinhas na areia", o que pretende aliviar a atmosfera e distrair F do seu "embaraço".

¹ Uma expressão irónica permite que o interlocutor seja indelicado, enquanto parece ser delicado (Leech, 1983, p. 143).

² A brincadeira deve ser claramente reconhecida como não séria...quanto mais íntima for a relação, menos importante é ser delicado. Assim, a falta de polidez em si mesmo torna-se um sinal de intimidade (Leech, 1983, p. 144).

3. Criar uma Atmosfera Humorística

É um meio comum de alcançar um sentido de conversação humorística através da violação do princípio da cooperação, frequentemente chamado na vida como uma "brincadeira", onde é claro para os interlocutores que a indiscrição verbal da outra não pretende realmente ofender ou ferir a face da outra. O sarcasmo não-intencional é também frequentemente utilizado para criar uma atmosfera bem-humorada, e é uma forma de expressão que utiliza elogios para indicar uma situação específica ou um ato de fala que é o oposto do que o falante pretende. Como exemplo, um professor diz a um aluno que está a dormir na aula: "Estás realmente a trabalhar muito, estás a ler enquanto dormes".

(15) Contexto: Os atores estão a almoçar num restaurante do Sudeste Asiático. G está a colocar molho numa massa vietnamita.

A: WOW, és um bom garfo.

G: Não. Isto não é o conhecimento básico? (Bian, 2015, p. 59)

A elogiou G, G deveria agradecer por cortesia, mas não disse “obrigado”, o que é uma falta de cortesia. O enunciado "Não" é uma observância do princípio da delicadeza, o que respeita o princípio da humildade, mas o enunciado seguinte – "Isto não é o conhecimento básico?" – já constitui uma falta de cortesia. O efeito discursivo é que todos começam a rir-se de A e A já não fica envergonhado. Os atos discursivos de G têm o efeito de um breve embaraço de A, mas o efeito geral é que cria humor e brincadeiras mútuas.

4. Ser Intencionalmente Indelicado

Em algumas situações, as pessoas colocam subjetiva e deliberadamente a face do interlocutor em risco na conversa, por exemplo, ao fazer críticas, reprimendas, chamadas de nomes inapropriadas, embaraço indireto, comentários negativos ou de linguagem grosseira, etc. (Cunha & Oliveira, 2020, p. 145).

(16) Contexto: Os atores estão à espera do seu voo no aeroporto e ambos, A e C, vestem camisolas azuis:

A: A coisa mais horrível não é usar a mesma roupa, mas se alguém for mais feio do que o outro, é embaraçoso.

C: Então, é embaraçoso.

A: Ha ha, a tua reação foi bastante rápida. (Bian, 2015, p. 18)

A primeira frase de A na conversa defende o interesse pessoal, iniciando assim um ato verbal que ataca a face da outra pessoa. De facto, A está intencionalmente a ofender, está a ser sarcástico, o que constitui descortesia verbal. Contudo, este tipo de comportamento verbal indelicado num determinado contexto interpessoal é um desvio positivo que, embora contrário aos princípios de cortesia, não tem um impacto negativo na comunicação.

1.2.3 Diferenças entre Implicatura Conversacional e Convencional

A comunicação humana é um processo complexo e fascinante e, normalmente, o significado de uma mensagem será influenciado pelo contexto, estado de espírito e intenções do falante. Na maioria dos casos, o processo de comunicação envolve não só a transmissão de informação, mas também a interpretação do significado, bem como indicações dependentes do contexto e inferências implícitas.

Existem dois tipos básicos de implicaturas, segundo Grice: Implicatura Convencional que está presa ao significado convencional das palavras e a Implicatura Conversacional que não depende da significação usual, sendo determinada por certos princípios básicos do ato comunicativo (Costa, 2009, p.12).

A **implicatura convencional** pode ser entendida como uma implicação convencionalmente composta por uma palavra ou expressão que implica um significado independente do contexto da conversa. Por exemplo, a palavra "vermelho" convencionalmente implica algo relacionado com a cor vermelha, mas não é obrigatório que o falante se refira, de modo explícito, a esta cor; o que ele refere pode ser uma cor próxima do vermelho, como o vermelho acastanhado, cor de laranja, cor-de-rosa ou fúcsia.

Outro exemplo é a "banana" que é, normalmente, de cor amarela, de forma curva e sabor doce, mas em algumas regiões é consumida quando ainda está verde e serve de alimento básico na refeição principal, portanto, quando se fala dela nessas regiões, é provável que seja um prato.

Podemos observar a implicação convencional através das seguintes frases:

(17) “As galinhas têm asas.”

Implica: Todas as galinhas têm duas asas.

(18) “A Maria apenas comeu alguns morangos.”

Implica: A Maria comeu morangos, mas não comeu todos.

(19) “O João casou e teve um filho.” (Ávila, 2017, p.249)

Implica: João tem apenas um filho, uma criança nascida depois de ter casado.

As características expostas nos exemplos acima são geralmente compreendidas por todos os que falam a mesma língua, e é isto que torna a implicação convencional (Bouton, 2007, p.153). Ou seja, a implicação convencional baseia-se em convenções culturais e linguísticas, é amplamente partilhada por falantes da mesma língua ou cultura, e é também uma inferência que é geralmente aceite por uma comunidade linguística.

Diferente da implicatura convencional, o conteúdo da **implicatura conversacional** vai depender crucialmente do contexto e do conhecimento partilhado entre os falantes (Ávila, 2017, p.250). É necessário fazer inferências com base num contexto de conversa particular, e não em convenções culturais ou linguísticas partilhadas por todos. Seguem-se exemplos de diálogo:

(20) A: “Queres acompanhar-nos a caminhar?”

B: “Não tenho sapatilhas.”

A implicação desta conversa é que existe uma enorme possibilidade de este amigo não ir caminhar com eles porque não tem os sapatos adequados.

(21) A: “Hoje não posso ir ao cinema consigo.”

B: “Bem, então esquece.”

Este diálogo implica que A queria realmente ir ao cinema com B, mas A tinha outras coisas que impediam os planos de A de ir ao cinema. A resposta de B podia revelar que B estava de facto um pouco desapontado com A e que B queria que A fosse com ele.

(22) A: “Gostarias de um pedaço de bolo?”

B: “Não quero engordar mais.”

Embora B não rejeite a oferta de A nesta frase, B está preocupado com a sua situação física e pensa que o seu peso está fora do seu controlo e que já não está em condições de comer bolo, e a implicação é também uma rejeição do convite de A.

Outra diferença importante entre implicatura convencional e implicatura conversacional, como podemos ver nos exemplos acima, é que a implicatura convencional é geralmente mais fácil de compreender do que a implicatura conversacional. A implicatura convencional é amplamente partilhada pelos falantes de uma língua ou cultura e é, portanto, relativamente consistente e previsível. Por outro lado, a implicatura conversacional é mais variável e imprevisível, uma vez que depende de um conhecimento mais profundo do contexto da conversa e da compreensão individual de cada participante.

Em resumo, implicatura convencional é uma forma de raciocínio relacionado com convenções de palavras ou expressões, enquanto implicatura conversacional é uma forma de raciocínio que depende do contexto comunicativo. Ambas as formas de implicatura são importantes na comunicação humana e são um reflexo da riqueza e complexidade da linguagem como sistema comunicativo. A compreensão destas diferenças pode ajudar os falantes a comunicar de forma mais correta e eficaz e a compreender corretamente as mensagens que recebem.

1.2.4 Importância do Raciocínio Lógico nas Implicaturas

If the addressee assumes the speaker is following the maxims, but that this is not evident at a literal level, then the addressee infers additional meaning (in the form of an implicature) to make up the difference. In other words, what is literally said + the implicature together satisfy the maxims. (Casal, 2008, p. 4)

Na secção anterior descobrimos que as implicaturas podem ser divididas em dois tipos, Implicatura Convencional e Implicatura Conversacional. Podemos fazer inferências implícitas de expressões linguísticas que ultrapassam o seu significado literal. Além disso, do ponto de vista da conversa e da interação, é necessária uma certa estrutura lógica para garantir o bom funcionamento da conversa quando as partes se expressam e refletem sobre significados particulares da conversa (Li, 2023, p.1). É evidente que é necessário possuir boas capacidades de raciocínio lógico para reconhecer e compreender estas implicaturas. Veja-se a seguinte frase, por exemplo:

(23) John: Onde está o Peter?

Mary: A luz do escritório dele ainda está ligada. (+ > O Peter está no seu gabinete.)

John: Está bem. Vou até lá encontrá-lo.³ (Huang, 2014, p. 38)

Na frase de exemplo, a resposta da Maria aponta para uma possibilidade de ligação entre a luz no gabinete do Pedro e a sua localização, ou seja, se a luz no gabinete do Pedro estiver acesa, então há uma grande probabilidade de que ele esteja no seu gabinete. Se a capacidade de raciocínio do João é inadequada, é provável que ele não saiba do que a Maria está a falar, porque literalmente, as palavras da Maria não estão claramente associadas ao que o João está a perguntar, e a resposta da Maria é uma violação da máxima da relação. Pela resposta afirmativa do João no final, é óbvio que os dois interlocutores, o João e a Maria, situam-se num nível comparável de lógica de pensamento e conhecimento; a Maria sabe que as suas palavras podem ser compreendidas pelo João, apesar de violarem o princípio da relação.

³ No original: John: Where's Peter?

Mary: The light in his office is still on. (+ > Peter is in his office.)

John: Alright then, I'll go and find him.

A fim de identificar as implicaturas numa conversa, é necessário avaliar e fazer inferências lógicas a partir da informação disponível a fim de evitar falhas e mal-entendidos, bem como conclusões que possam conduzir a erros. A partir destas inferências dedutivas, é possível compreender o significado implícito de um discurso. O raciocínio lógico é a fundamentação para reconhecer e compreender as implicações, permitindo uma melhor compreensão da informação a ser transmitida e uma comunicação mais eficaz.

1.3 Atos de Fala Indiretos

No comportamento comunicativo humano, o significado literal das palavras do locutor é por vezes compatível com a sua intenção, e por vezes incompatível. Daí ter surgido a teoria dos atos de fala, que foi introduzida pela primeira vez por J. L. Austin em *How to Do Things with Words* em 1962, sendo mais tarde desenvolvida e aprofundada pelo seu aluno Searle na teoria do ato de fala indireto. (Li, 2022, p. 150) O uso de fala indireta é também um fenómeno muito comum, sendo uma discrepância entre o significado literal de determinada frase e o significado realmente pretendido pelo falante. Segundo as palavras de Zheng Lin (2014, p. 131), existem duas explicações mais comuns para o fenómeno da fala indireta: uma delas é considerar a fala indireta como o resultado de uma incompatibilidade entre a forma e a função da língua. A outra explicação refere-se à relação entre o significado literal da língua e o significado discursivo da frase, e, quando os dois significados não correspondem, forma-se o uso indireto da linguagem.

1.3.1 Teoria dos Atos de Fala de Austin

Em *How to Do Things with Words*, Austin (1962, p. 87) sugeriu que "Proferir uma sentença nas circunstâncias apropriadas não é apenas descrever um ato, mas sim fazê-lo". Ele também reconheceu que na prática quase todo o uso da linguagem é indireto (não explícito) (Galvão, 2007, p. 2). Noutras palavras, quando um locutor diz algo com significado e compreensível para o ouvinte, pode-se dizer que, de facto, ele realizou algum ato de fala. A essência do ato de fala é que o interlocutor utiliza as palavras para transmitir os seus objetivos comunicativos ou as suas intenções. Quer estejamos a fazer um pedido a

outra pessoa, quer tenhamos algum outro significado mais profundo, desde que as palavras ditas transmitam certa intenção comunicativa ou cumpram determinada função, então estamos de facto a executar um ato de fala. Veja-se o seguinte diálogo:

(24) A: Penso que este quarto está um pouco frio.

B: Bem, vou então ligar o aquecimento.

Em vez de dizer diretamente para B ligar o aquecimento, A está a afirmar que se sente frio neste quarto e que a sua verdadeira intenção é pedir a B que faça alguma coisa para tornar o quarto mais quente, e B capta com sucesso a intenção expressa por A, assim, A realiza com sucesso o seu ato de fala.

Austin (1962, p. 22) aponta que os filósofos defendem há muito tempo o pressuposto de que a função de uma declaração é descrever o estado das coisas ou afirmar um facto, e que uma descrição ou afirmação feita por uma declaração só pode ser verdadeira ou falsa. No entanto, Austin rejeita esta posição. Efetivamente, em vários casos as pessoas usam frases declarativas, mas o objetivo do interlocutor não é o de transmitir factos. No diálogo apresentado em cima, o que A diz é declarativo, mas o seu objetivo é informar B sobre o facto de que A está frio, de modo que B faça algo para acabar com o estado frio de A. Austin acredita também que há ocasiões em que não é necessário distinguir entre expressões "verdadeiras" e "falsas", uma vez que nem sempre existe distinção entre atos verdadeiros e falsos, mas sim distinção entre o ato adequado ou não no contexto da situação.

Austin recomenda que se faça uma distinção entre enunciado **constativo**, que é verdadeiro ou falso, e enunciado **performativo**, que é adequado ou inadequado. Para os primeiros, a função é declarar ou afirmar factos, descrever estados de coisas, e informar sobre eventos, e as palavras da frase expressa são verificáveis, isto é, elas têm de ser verdadeiras ou falsas (Wu, 2007, p. 60). Quando dizemos, por exemplo, "Está a chover" e está mesmo a chover lá fora, então a nossa declaração ou afirmação é verdadeira. Se não, então a nossa afirmação é falsa.

Diferente dos Constativos, os Performativos não são verificáveis, sendo que não existe verdade ou falso, porque não têm a função de relatar, descrever, mas têm a função de praticar determinados atos (Napoleon, 2018, p. 4). São o tipo de expressões em que executamos determinadas ações enquanto as dizemos. Por exemplo, se A disser a B "Por favor, fique em silêncio.", A quer seriamente que B fique quieto, e B deixa de falar alto, então A realizou com sucesso a ação que pretendia realizar, especificamente pedir a B que ficasse em silêncio.

O trabalho de Austin sobre a forma linguística da frase do performativo conduz à compreensão de que não podemos julgar a função linguística simplesmente com base na sua forma linguística, e num estudo posterior, Austin apercebeu-se de que, em certo sentido, cada frase pode ser usada para executar um ato, não apenas a frase do performativo (Wu, 2007, p. 61), uma vez que o discurso é um ato em si mesmo, e os atos de fala não se referem somente ao "ato locutório" (o que é dito), mas também ao "ato ilocutório" (o que é feito com as palavras) e mesmo ao "ato perlocutório" (quais são as consequências das palavras ditas).

Austin considera que, quando alguém fala, realiza concomitantemente três atos específicos (Lopes, 2018, pp. 142-143):

- 1) um ato locutório, correspondente ao ato material de produção de um enunciado, dotado de significado e de referência e construído segundo as regras gramaticais da língua;
- 2) um ato ilocutório, correspondente à ação específica que o falante realiza ao formular esse enunciado (uma ordem, uma pergunta, um conselho, uma asserção, um pedido de desculpa...);
- 3) um ato perlocutório, correspondente ao efeito voluntário ou involuntariamente produzido pelo enunciado no interlocutor (por exemplo, se eu disser *amanhã vou a tua casa* posso intimidar o meu interlocutor, irritá-lo, sensibilizá-lo, convencê-lo da minha amizade, enfim, são múltiplos os efeitos possíveis, sendo impossível controlá-los e/ou garantir que se concretize aquele que pretendíamos atingir).

1.3.2 Teoria dos Atos de Fala de Searle

O filósofo americano da linguagem J. R. Searle desenvolveu a teoria dos atos de fala para normalizar e sistematizar a doutrina de Austin, introduzindo primeiro o conceito de "atos de fala indiretos". Em resumo, o ato de fala indireto é um fenómeno em que o significado da frase (*sentence meaning*) do falante é frequentemente inconsistente com o significado do enunciado (*utterance meaning*) (Sun, 1994, p. 19).

Na nossa vida, facilmente descobrimos que não existe correspondência absoluta entre a forma das frases que as pessoas expressam e a sua função. Quer dizer, uma forma de frase nem sempre tem uma determinada função, e pelo contrário, a função não se realiza apenas através de uma forma de frase. Por exemplo: “será possível passar o sal?” (Asher & Lascarides, 2006, p. 12). Se considerarmos esta frase literalmente, então está a "perguntar" se o ouvinte tem a capacidade de passar o sal. No entanto, na comunicação diária, sabemos que esta frase é de facto um "pedido", em vez de uma "pergunta" literal da capacidade do ouvinte, o que resulta no fenómeno de expressão não direta da linguagem na sua utilização.

Searle defende que um Ato de Fala Indireto contém "duas forças ilocucionárias" (uma força ilocucionária é o significado que o orador pretendeu transmitir ao efetuar o ato ilocucionário); também afirma que "um ato ilocucionário é realizado indiretamente através da realização do outro" (Asher & Lascarides, 2006, p. 186).

Desta forma, o exemplo apresentado acima realiza, de facto, dois atos ao mesmo tempo: perguntar + pedir. Searle (1975) também distingue esses dois tipos de atos ilocutórios, classificando o ato que expressa a intenção real do locutor como "ato primário ilocutório" (primary illocutionary act), ou seja, pedir ao ouvinte que faça algo por ele ou ela, e o ato que o locutor faz para realizar o ato primário chama-se "ato secundário ilocutório" (secondary illocutionary act), isto é, perguntar ao ouvinte se ele ou ela tem a capacidade de fazer algo. Por exemplo:

(25) Aluno X: Vamos ao cinema hoje à noite.

Aluno Y: Tenho de estudar para um exame. (Galvão, 2007, p. 4)

O discurso do Aluno X é uma sugestão, enquanto que a resposta de Y é uma rejeição dessa sugestão neste contexto particular. Entretanto, no seu sentido literal, a resposta de Y é apenas uma afirmação. Nesta conversa, o ato primário ilocucionário da resposta de Y é a rejeição da sugestão de X. Isso é conseguido através do ato secundário ilocucionário de fazer uma " afirmação".

Mas a questão é: visto que uma frase contém dois atos extravertais, como é que o ouvinte compreende a verdadeira intenção do locutor quando o ouve? A este respeito, Searle (1975, pp. 31-32) afirma que, nos atos de fala indiretos, os interlocutores dependem da informação de contexto verbal e não verbal que partilham mutuamente, bem como a capacidade de inferência do ouvinte, e que o locutor comunica com o ouvinte mais do que o locutor realmente diz.

Assim, a fim de explicar os atos de fala indiretos, precisamos de utilizar a teoria dos atos de fala e o princípio da cooperação, a informação contextual partilhada pelos interlocutores. Claro que, como na análise das Implicaturas Conversacionais, também temos de considerar a capacidade de raciocínio do ouvinte. A comunicação vai tornar-se mais eficaz se compreendermos plenamente o significado e intenção da língua e utilizarmos a fala indireta adequadamente.

1.4 Implicaturas Conversacionais e Atos de Fala Indiretos em Português

No processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, a competência comunicativa dos aprendentes é essencial. Assim, é fundamental que os alunos chineses que estudam Português Língua Segunda (PLE) compreendam e estudem o comportamento linguístico em português, enquanto conhecem a cultura social e os hábitos de comunicação dos falantes de português, a fim de melhorar a compreensão e a utilização do português pelos alunos.

Devido à particularidade da língua portuguesa, é necessário conhecer o uso específico de algumas palavras quando se aprende português: em contextos de refutação, funcionam como asserções negativas enunciadas onde ocorrem as formas *lá* e *agora*, completamente despojadas dos seus valores dêiticos locativos e temporais (Lopes, 2018, p. 161).

Lopes (2018, p. 161) oferece também dois exemplos para explicar a utilização dessas expressões:

(26) A: Tu é que podes resolver o problema.

B: Eu posso lá resolver o problema!

(27) A: A ponte caiu com as primeiras chuvas fortes.

B: Caiu agora! (= não caiu nada!)

Além disso, no discurso quotidiano, ouvimos com frequência a expressão "Sei lá!", que significa "Como é que eu sei"! Mostra que o ouvinte está um pouco impaciente com a pergunta do locutor e que o ouvinte não sabe mesmo a resposta à pergunta do locutor.

Claro que algumas expressões particulares, tais como expressões idiomáticas e provérbios, poderão também causar confusão aos estudantes de PLE durante a sua compreensão, tais como os próximos dois exemplos de conversas informais dados por Lopes (2018, p. 162):

(28) A: Ele fez os trabalhos de casa.

B: *Fez uma ova!* (= não fez nada!)

(29) A: Ele tem direito a uma pensão.

B: Tem direito, *o tanas/o caraças!* (= não tem não!)

Existem outras expressões em que os estudantes de PLE terão dificuldade de compreender o verdadeiro sentido da conversação, se não as tiverem estudado e compreendido particularmente. Vejam-se os exemplos seguintes:

(30) O Pedro acabou a relação que mantinha com a Isabela desde há dois anos. Então, ontem veio *afogar as mágoas* na minha casa. (Malcata, 2018, p.112)

A expressão "afogar as mágoas", nesta frase, significa chorar, esquecer as tristezas ou beber para esquecer um acontecimento ou momento.

(31) Perante uma situação como esta, não podemos *cruzar os braços!* É necessário que se faça alguma coisa útil. (Malcata, 2018, p.105)

A expressão "cruzar os braços" significa não fazer nada, mas na consciência chinesa, cruzar os braços implica que o ouvinte está aborrecido, irritado ou desinteressado com o que o locutor está a dizer.

(32) Não *se meta na boca do lobo!* (Malcata, 2018, p.67)

"Meter-se na boca do lobo" significa entrar numa situação muito perigosa, também serve como um aviso de alerta para alguém.

(33) A Manuela tem chegado tarde a casa, porque desde que está de férias tem ido todas as noites *abandar o capacete*. (Malcata, 2018, p.112)

Nesta frase, "abandar o capacete" refere-se a dançar. Se o estudante de PLE nunca tivesse conhecido o significado desta expressão idiomática, ao ler o significado literal da frase, consideraria bastante estranho que a Manuela sacudisse um capacete com as suas mãos durante toda a noite. Por esta razão, a aprendizagem de provérbios e expressões idiomáticas de língua portuguesa é também uma parte importante na compreensão do significado conversacional do falante de português.

Capítulo II – Metodologia

Depois de explorar os fundamentos teóricos, descobrimos que os atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais podem criar certas dificuldades na compreensão do significado das frases, nomeadamente para os alunos de PLE que foram afastados do contexto linguístico e cultural familiar. Os atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais confundem-se frequentemente na aprendizagem de línguas estrangeiras, por isso, exigem que os alunos dominem mais profundamente as expressões e o vocabulário e que conheçam bem o contexto cultural para compreender o verdadeiro sentido da expressão do locutor.

Neste sentido, a presente dissertação elaborou um teste para conhecer de forma mais aprofundada essas dificuldades e, neste capítulo, apresenta o objetivo do estudo, bem como a formulação do teste.

2.1 Objetivo do Estudo

Nos últimos anos, o português tem sido uma língua muito procurada na China, o que resultou num crescimento notável do número dos cursos de Português, tanto nas instituições do ensino superior, como nas escolas privadas de línguas. Verificou-se também um aumento impressionante dos aprendentes dessa língua no país (Yan, 2017, p. 24).

A fim de ajudar os estudantes chineses de PLE a perceber melhor as diferenças culturais entre a sua língua materna e a língua portuguesa, a comunicar mais facilmente com falantes nativos, e a evitar mal-entendidos e conflitos na comunicação intercultural, é indispensável dominar Implicaturas Conversacionais e Atos de Fala Indiretos. Isto permite aos alunos chineses expressarem-se de forma mais adequada e perceberem melhor o significado dos outros. Ao mesmo tempo, melhora as suas capacidades comunicativas.

Nesse sentido, realizar-se-á um teste aos alunos chineses de PLE com o objetivo de:

1. Determinar o grau de conhecimento dos alunos de PLE em relação aos conceitos-chave, a saber “implicaturas conversacionais” e “atos de fala indiretos”;
2. Identificar a capacidade de os alunos reconhecerem o objetivo comunicativo de determinados atos de fala indiretos.

A seguir, apresentam-se os pormenores relacionados com o teste específico, incluindo a tipologia das questões, a amostra, a descrição dos exercícios que compõem o teste e os objetivos de cada questão em particular.

2.2 Apresentação do Teste

O teste é composto por quatro partes, que a seguir se expõem. A primeira e a quarta parte, relacionadas com informações pessoais, são inteiramente da autoria da investigadora. As questões relacionadas com os exercícios teórico-práticos da segunda e terceira partes foram elaboradas com base nas obras “Pragmática: uma introdução” (Lopes, 2018) e “Português Atual 3” (Malcata, 2018). O teste foi distribuído a 5 de maio de 2023 a partir de uma plataforma eletrónica. Antes da publicação *online* do teste, três alunos da Universidade de Aveiro foram convidados a fazer um pré-teste para garantir que o teste poderia ser realizado com sucesso. Os alunos demoraram entre 10 a 20 minutos a realizar o teste. De acordo com os resultados estatísticos, no total, 47 alunos participaram neste teste *online* e, por fim, as respostas dos alunos foram calculadas e tratadas com recurso ao Excel.

A primeira parte do teste é dedicada ao registo de informações pessoais sobre os participantes, incluindo a sua língua materna, as suas competências em português, a duração dos seus estudos de português e o seu nível de português. A fim de garantir a exatidão do teste, colocaram-se questões adicionais para averiguar os conhecimentos dos participantes noutras línguas para além do português, uma vez que a aprendizagem de outras línguas e culturas talvez influencie ou ajude os participantes, ao responderem a esse teste, na sua compreensão do significado dos atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais em português.

A segunda parte é composta por sete perguntas de escolha única, a primeira e a segunda das quais se destinam a determinar os conhecimentos dos alunos sobre os atos de fala indiretos ou implicaturas conversacionais. As cinco perguntas seguintes incluem questões de escolha única para indicar se as frases em diferentes situações são atos de fala diretos ou indiretos. O objetivo destas perguntas é determinar se os participantes no teste conseguem distinguir um ato de fala direto de um ato de fala indireto perante discursos confusos e situações diferentes e, portanto, saber se os participantes conhecem ou não o que é um ato de fala indireto.

A terceira parte do teste é constituída por quatro perguntas subjetivas sobre conversações com base em diferentes contextos, com o objetivo de analisar se os alunos conseguem identificar os atos de fala indiretos no diálogo e descobrir a verdadeira intenção do orador. Deste modo, pretende-se determinar se os alunos têm outras interpretações dessas frases.

Ao contrário das perguntas das três primeiras partes, a última parte do teste inclui seis perguntas de escolha única, com o objetivo de verificar se os participantes, nesse momento, têm uma compreensão mais clara dos atos de fala indiretos e das implicaturas conversacionais. Além disso, pretende-se saber se conseguem distinguir mais facilmente os atos depois de completar as três partes dos exercícios anteriores. Por exemplo, alguns alunos, depois de responderem às questões iniciais, poderão saber mais sobre os dois conceitos e serão mais capazes de identificar os atos indiretos e as implicaturas conversacionais nas suas vidas, percebendo assim o verdadeiro significado do locutor.

Estas perguntas de escolha também foram elaboradas para saber com que frequência os participantes usam os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais nas suas vidas, e em que situações ou contextos as usam. Para além disso, uma vez que cada pessoa possui uma perspetiva diferente do mundo, da vida e dos valores, as questões também foram criadas para descobrir a importância que os diferentes participantes dão às duas estratégias discursivas, tal como “Qual é o papel das implicaturas conversacionais e dos atos de fala indiretos na comunicação?”, “Eles são úteis para a compreensão da comunicação?”, e “Se eles são uma forma importante de comunicação?”, etc.

Na secção seguinte, os dados recolhidos serão analisados em pormenor através de combinações de gráficos e tabelas.

Capítulo III – Análise dos Resultados

3.1 Amostra

A amostra é composta por 47 dados válidos e os resultados recolhidos mostram que os 47 participantes são todos estudantes de língua portuguesa que falam chinês como língua materna.

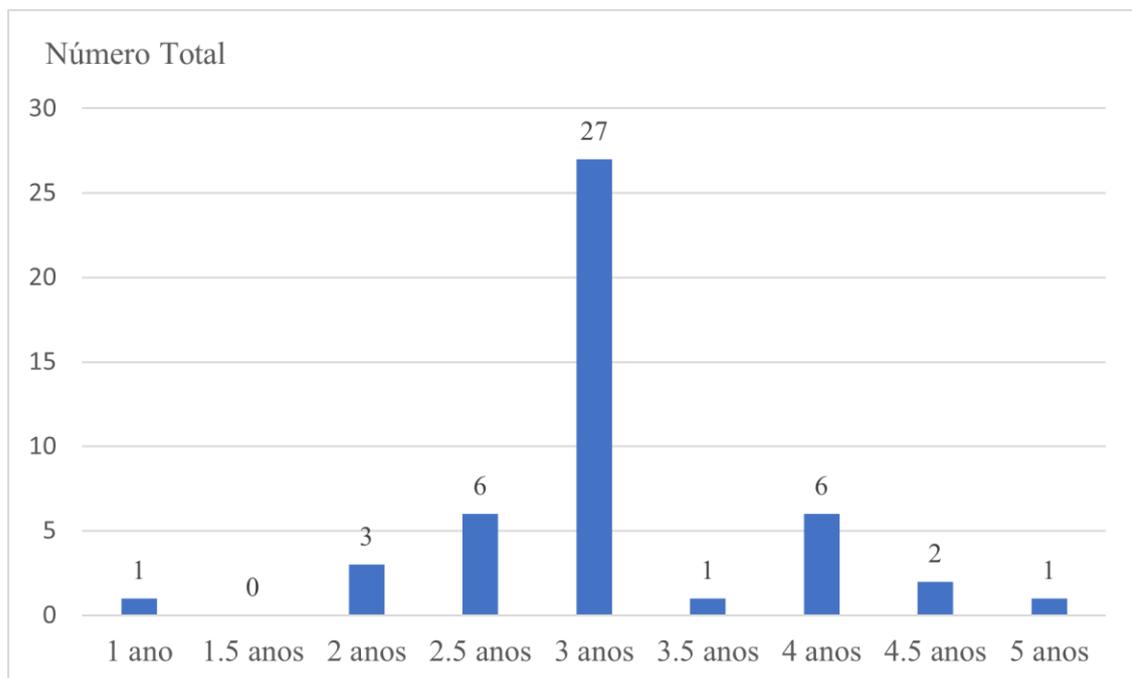


Gráfico 1 - Duração da aprendizagem de português

A1	1		2.13%
A2	0		0%
B1	29		61.7%
B2	16		34.04%
C1	1		2.13%
C2	0		0%
Falante Nativo	0		0%

Gráfico 2 - Nível de proficiência do português

Como se mostra nos Gráficos 1 e 2, a duração da aprendizagem da língua portuguesa e o nível de português destes participantes são variáveis; a maioria dos inquiridos (57,44%) estuda português há 3 anos, enquanto apenas 19,15% já tinha estudado português há mais de 4 anos. O nível médio de português dos alunos encontra-se entre B1 e B2 (segundo a classificação do CAPLE⁴).

A percentagem de alunos com um nível B1 de português é de 61,7% e de 34,04% de alunos com um nível B2. Neste sentido, a fim de garantir a exatidão dos resultados deste teste, os resultados e a investigação realizada sobre este teste apenas poderão refletir, em certa medida, o grau de entendimento dos atos de fala indiretos e das implicaturas conversacionais por parte dos alunos de PLE com proficiência em língua portuguesa de B1 a B2, e não poderão representar totalmente todos os estudantes de língua portuguesa.

Para saber o grau de contacto dos alunos com a língua portuguesa, o teste inclui, na primeira parte, uma pergunta sobre o contacto com a língua portuguesa fora da sala de aula.

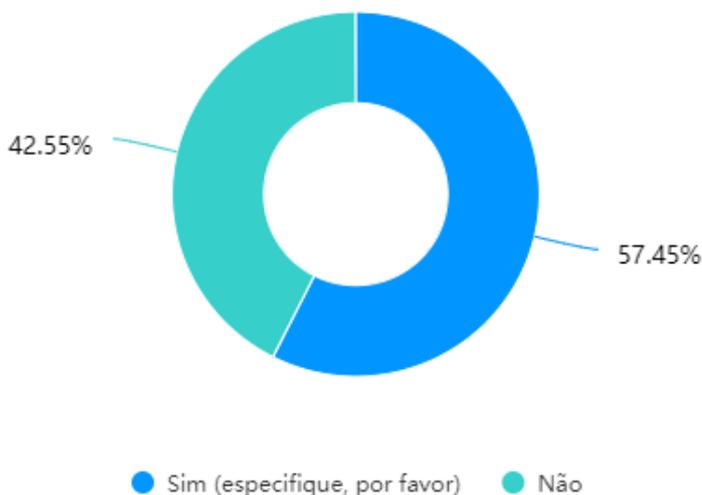


Gráfico 3 - Contacto com a língua portuguesa fora da sala de aula

⁴ Os exames do CAPLE avaliam as competências descritas no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEQR), nos seus seis níveis (A1 a C2) e são destinados a cidadãos estrangeiros. CAPLE segue, na sua prática de avaliação e de certificação, os padrões de qualidade da Association of Language Testers in Europe (ALTE).

De acordo com o gráfico 3, mais de metade dos alunos (57,45%) estão em contacto com a língua portuguesa fora da sala de aula e, segundo as respostas recebidas, esses alunos têm contacto principalmente através de compras em supermercados, conversas com amigos portugueses e notícias portuguesas. Isto significa que as suas competências em português não se limitam à sala de aula, mas também é possível aprender mais sobre o português nas suas próprias vidas ou nas suas interações com outras pessoas.

Os restantes alunos (42,55%) não se envolvem ativamente com o português fora da sala de aula, o que implica que a sua aprendizagem e compreensão está dependente da sala de aula.

É provável que, devido ao estudo de outras línguas, os alunos tenham uma melhor compreensão do português ou que consigam deduzir melhor o significado de uma conversa quando não a ouvem bem ou não conhecem o seu conteúdo exato. Portanto, na secção do perfil do teste incluiu-se uma pergunta para saber se os alunos dominam outras línguas para além da sua língua materna e do português.

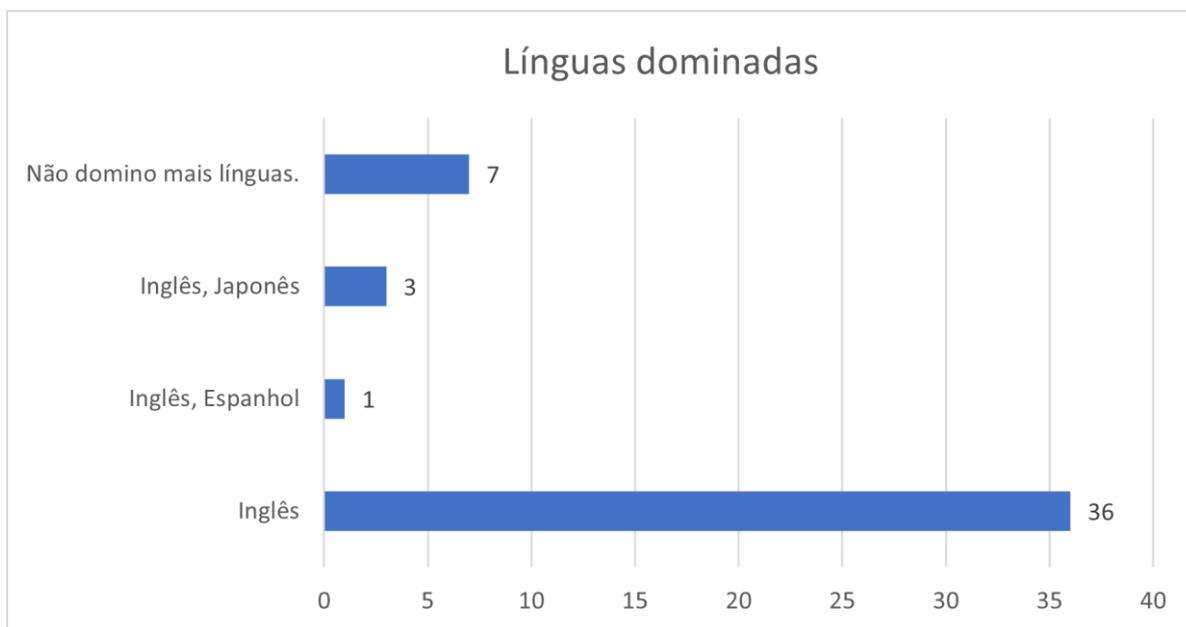


Gráfico 4 - Línguas dominadas

Com base nos resultados recolhidos (Gráfico 4), verifica-se que 7 dos participantes não dominam qualquer outra língua para além da sua língua materna e do português, enquanto

os restantes 40 dominam o inglês e estudam-no há mais de 10 anos. Entre os 40, três ainda dominam o inglês e o japonês, e um domina o inglês e o espanhol.

3.2 Análise dos exercícios

Depois de se conhecer a informação básica e a experiência da aprendizagem desses participantes, apresentam-se e analisam-se as respostas dos alunos às questões do exercício.

3.2.1 Resultados dos Exercícios da Parte 2

Em relação ao tema deste teste, colocou-se uma pergunta para determinar a familiaridade do participante com o tema dos atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais (“Ouviu ou estudou os Atos de Fala Indiretos ou Implicaturas Conversacionais?”), cujos resultados são apresentados no gráfico seguinte (Gráfico 5).

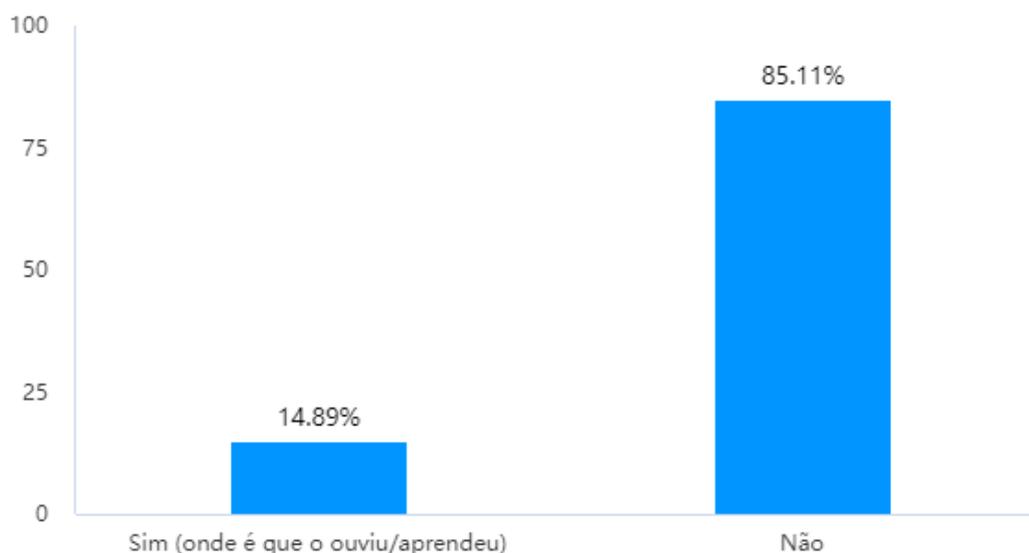


Gráfico 5 - Resultados do Exercício 2.a)

Apenas 14,89% dos alunos já tinham ouvido ou aprendido sobre os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais e, nas respostas deles, quase todos aprenderam ou ouviram falar sobre estes dois conceitos nas suas aulas da universidade, enquanto a grande maioria dos restantes alunos nunca ouviu ou aprendeu o que são estes dois conceitos.

Em seguida, foi colocada uma questão para aferir o conhecimento relativo ao conceito, a saber:

2.b): Para si, o que é que são os Atos de Fala Indiretos?

Resposta correta: A.

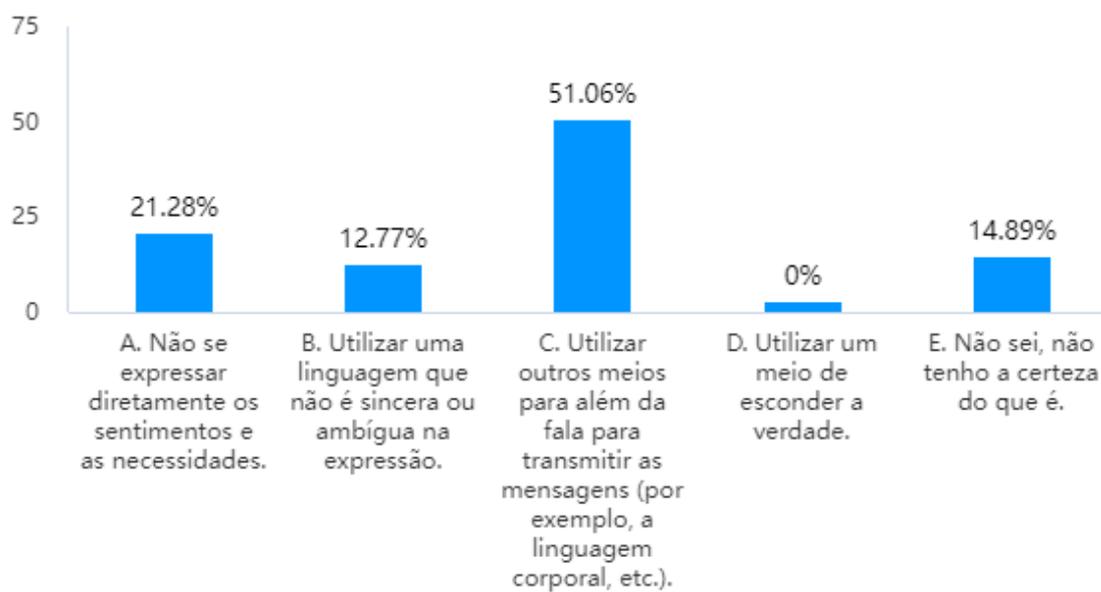


Gráfico 6 - Resultados do Exercício 2.b)

Nesta questão, 14,89% dos alunos afirmam que não sabem exatamente o seu significado, a maior parte dos alunos escolheu a opção C e apenas 21,28% dos alunos escolheram a opção correta A. Muitos consideraram que os atos de fala indiretos se referem a “Utilizar outros meios para além da fala para transmitir as mensagens (por exemplo, a linguagem corporal, etc.)”.

Sem dúvida que, para os alunos que não estudaram ou não conhecem o conceito dos atos de fala indiretos, esta opção é bastante confusa, considerando que o conceito de "os atos de fala indiretos" é, literalmente, um ato de se expressar sem palavras, como a linguagem corporal ou o uso de gestos específicos conhecidos por ambas as partes da conversa.

Porém, na verdade, os atos de fala indiretos referem-se a um descompasso entre o significado literal da linguagem e o significado real que o orador pretende transmitir, ou seja,

o orador tem a verdadeira ideia em mente, mas em vez de a dizer diretamente, utiliza outra expressão para a dizer ao ouvinte, atingindo assim o seu verdadeiro objetivo social.

2.c): *Quando alguém diz “Está frio hoje, podes fechar a janela?”, que tipo de ato de fala é esse?*

- A. Ato de fala direto.
- B. Ato de fala indireto.

Resposta correta: B.

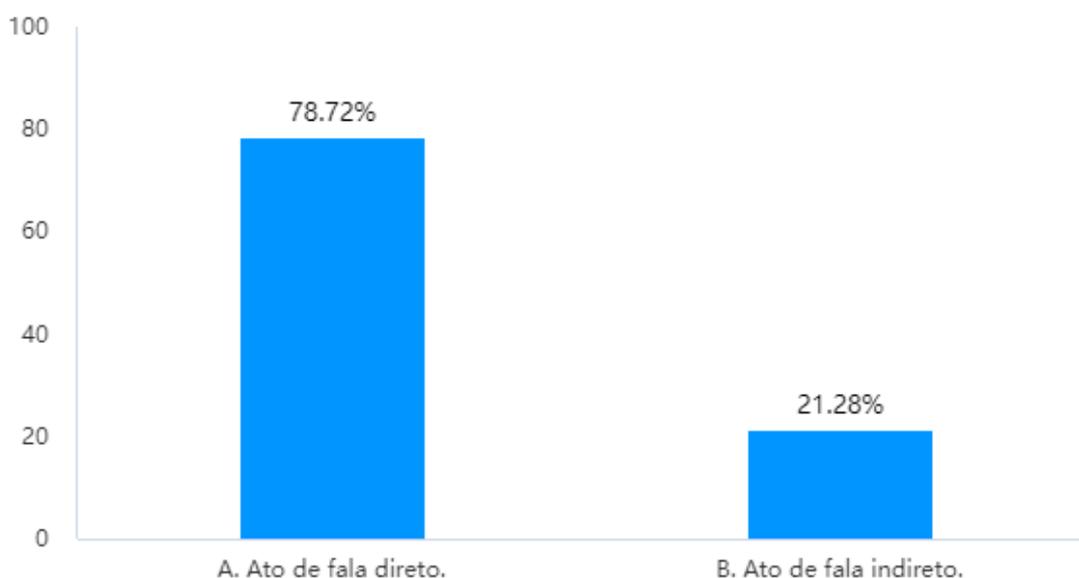


Gráfico 7 - Resultados do Exercício 2.c)

A expressão em questão é um ato de fala indireto. Todavia, a taxa de respostas corretas a esta questão é bastante baixa, provavelmente porque esta é a primeira questão de todo o teste que apresenta de forma ilustrada os atos de fala indiretos, e a maioria dos alunos ainda não tem uma ideia clara do que são exatamente “atos de fala indiretos”. Assim, 78,72% dos alunos escolheram a resposta errada.

A expressão é muito semelhante a uma clássica “será possível passar o sal?” (Asher & Lascarides, 2006, p. 12), que pergunta literalmente se o ouvinte tem a capacidade de “fechar a janela” ou “passar o sal”. A intenção, portanto, não é aferir a (in)capacidade de o ouvinte realizar uma determinada ação, mas a insinuação de uma necessidade através do

fornecimento de informações e da declaração de uma situação. Convém ressaltar que muitos alunos podem ter considerado tratar-se de um pedido direto já que, em contexto de sala de aula, frequentemente se apresenta esta formulação como um pedido com maior grau de cortesia, explicando assim a baixa percentagem de respostas corretas a esta questão.

2.d): *Qual das seguintes frases é um ato de fala direto?*

- A. *“Não gosto da forma que falas comigo.”*
- B. *“Estás a falar de forma muito grosseira.”*
- C. *“Por favor, muda a tua forma de falar.”*

Resposta correta: C.

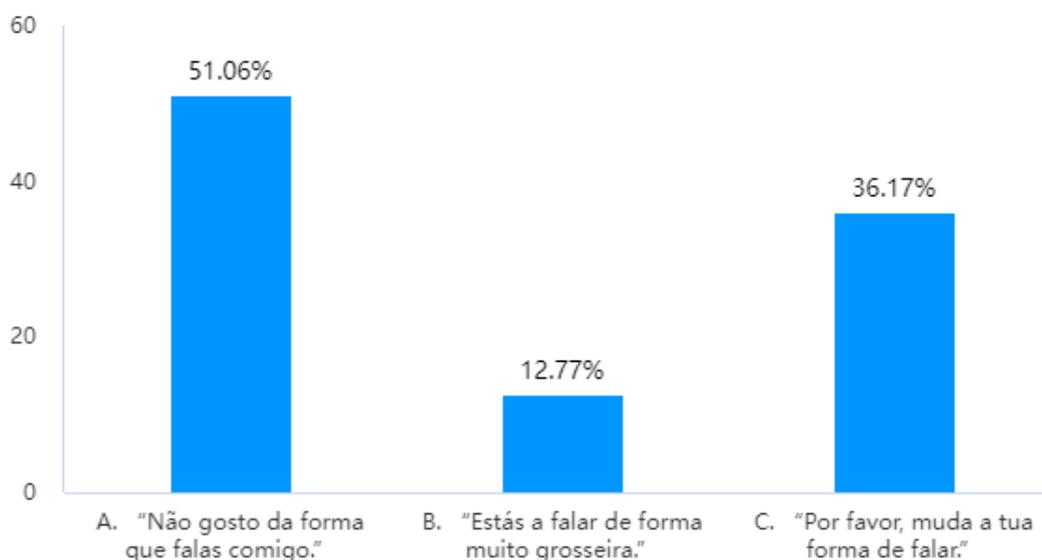


Gráfico 8 - Resultados do Exercício 2.d)

Na frase C, o falante faz uma solicitação direta para que a outra pessoa mude a maneira como fala. Não há uma linguagem figurada ou indireta; a intenção e o pedido são comunicados de forma clara e explícita.

Em comparação com a questão anterior, a taxa de resposta correta a esta questão (36,17%) aumentou ligeiramente, mas ainda não é muito elevada, visto que a maioria (51,06%) escolheu a opção A.

A opção A refere-se ao facto de o locutor não gostar que se fale com ele daquela forma, mas não indica diretamente que ele precisa que o ouvinte mude a forma de comunicação com ele. Na opção A, o falante está a expressar a sua insatisfação e reclamação, esperando que o ouvinte ouça a sua insatisfação e mude a forma como fala com ele. Similarmente, na opção B, o locutor está simplesmente a queixar-se da forma de falar de outra pessoa. Embora não peça diretamente ao ouvinte para mudar, a sua intenção real é fazer com que o ouvinte mude a sua forma de falar com ele.

2.e): *Qual das seguintes frases não é um ato de fala indireto?*

- A. *“Pode ajudar-me a pegar naquele livro?”*
- B. *“Passe-me aquele livro, se faz favor.”*
- C. *“Eu não consigo alcançar aquele livro, pode passar-mo?”*

Resposta correta: B.

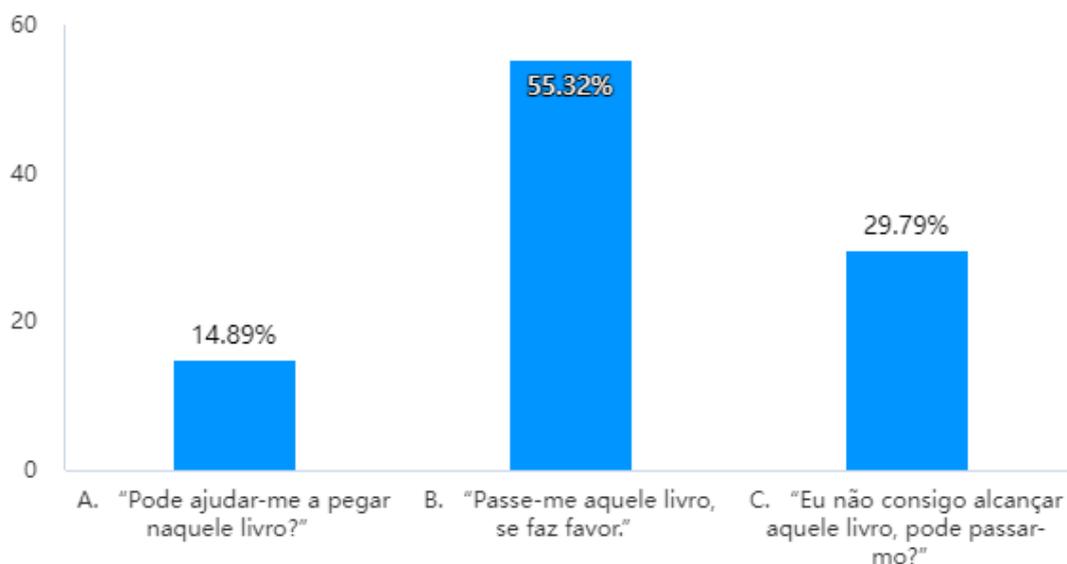


Gráfico 9 - Resultados do Exercício 2.e)

Vale a pena referir que 55,32% dos alunos escolheram a resposta correta nesta questão, o que representa um crescimento bastante expressivo. Embora se use a expressão educada “se faz favor”, todo o pedido ainda é direto. O locutor pede diretamente à outra pessoa que lhe entregue o livro, sem utilizar expressões indiretas ou implícitas.

As opções A e C são ambas atos de fala indiretos; de facto, ambas as frases expressam a capacidade ou a vontade do ouvinte de ajudar a pegar o livro, sem mostrar explicitamente a necessidade de o interlocutor lhe trazer o livro diretamente, mas a sua intenção real é que o ouvinte lhe traga o livro.

2.f): *Qual das seguintes frases não é um ato de fala indireto?*

- A. “*Eu preciso de uma caneta.*”
- B. “*Eu gostaria de perguntar se tem alguma caneta extra?*”
- C. “*Por favor, dê-me uma caneta.*”

Resposta correta: C.

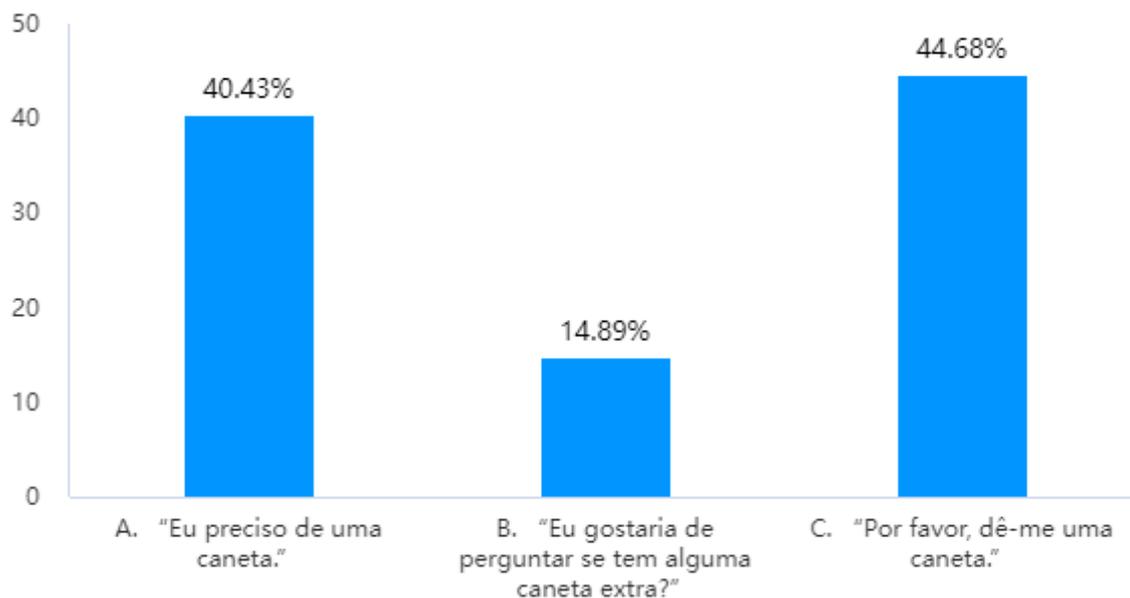


Gráfico 10 - Resultados do Exercício 2.f)

A taxa de correção desta questão caiu, sendo que 40,43% dos alunos escolheram a opção A: “Eu preciso de uma caneta.” Na frase, o orador literalmente indica que precisa de uma caneta, e não aponta a sua necessidade para que outra pessoa lhe forneça uma caneta. Na opção B, o locutor pergunta a outra pessoa se tem outra caneta e não declara especificamente que precisa da sua caneta. Ambas as expressões pretendem transmitir que o locutor deseja que o ouvinte lhe empreste a caneta, sem manifestar diretamente a sua

intenção. Por isso, o ouvinte precisa de raciocinar logicamente ou de especular para fazer o ato de “emprestar a caneta ao locutor”.

Quanto à opção C - “Por favor, dê-me uma caneta.” - não é um ato de fala indireto. Nesta frase, todo o pedido do orador é direto. O locutor é claro ao pedir à outra pessoa que lhe dê uma caneta, não usando expressões indiretas ou implícitas.

2.g): Qual das seguintes frases não é um ato de fala indireto?

- A. “Queres ir ver um filme comigo?”
- B. “Preferes ver filmes de comédia ou de terror?”
- C. “Há quanto tempo não vemos um filme juntos?”

Resposta correta: A.

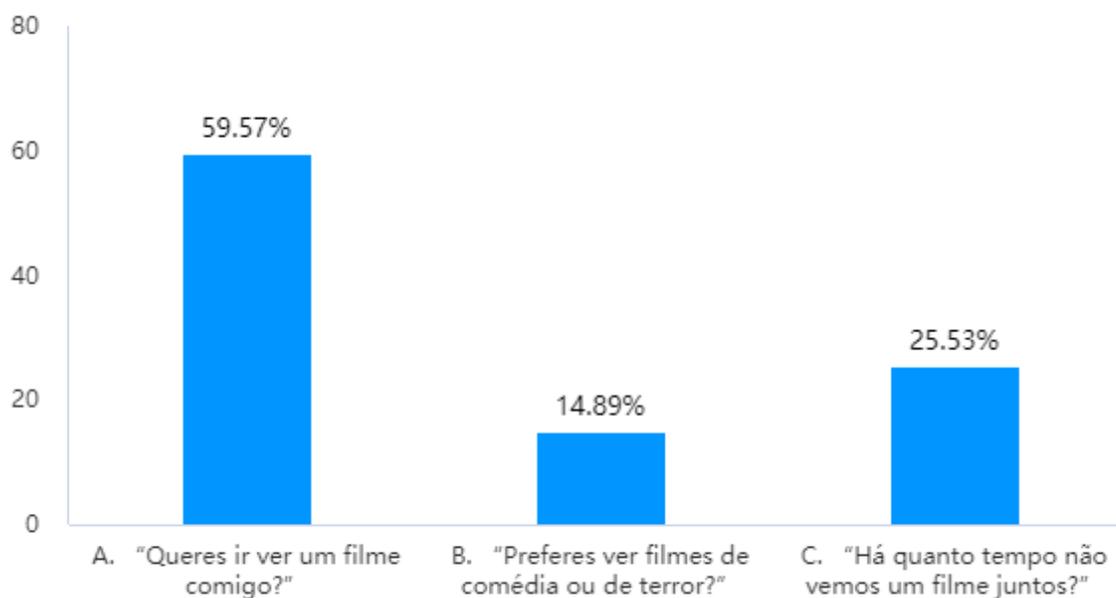


Gráfico 11 - Resultados do Exercício 2.g)

Esta última questão de escolha é a que possui a taxa de acerto mais elevada (59,57%), com a maioria a escolher a resposta correta. Pode-se observar que os alunos, confrontados com situações diferentes nestas várias questões, tornaram-se gradualmente mais

competentes para identificar as frases com atos de fala indiretos e diretos entre as opções confusas.

Entre as três opções, a frase que não contém um ato de fala indireto é a opção A: “Queres ir ver um filme comigo?”. Nesta frase, o orador convida diretamente a outra pessoa a ir ao cinema com ele. Não há metáforas ou qualquer tipo de implicação nesta frase, o convite é feito de forma clara e direta. As opções B e C podem ser consideradas como atos de fala indiretos porque estas duas interrogações do locutor podem ser entendidas como um convite implícito ou um desejo de ver um filme juntos, ao contrário da opção A, que é um convite direto.

3.2.2 Resultados dos Exercícios da Parte 3

Para os quatro exercícios da Parte 3, os alunos precisavam de ler os diálogos e dar a sua opinião sobre o significado do discurso. As respostas de todos os alunos são apresentadas em forma de tabela e analisadas.

3.a): A Joana e o Rafael estavam a conversar num café, quando a Joana diz: “Estou com sede, mas estou tão cansada... Nem me consigo levantar”. Pode escrever o que é que ela estava a implicar com esta frase?

Número	Resposta
1	A Joana estava tão cansada e queria que o Rafael trouxesse um café para ela.
2	Rafael, arranja-me um copo de água!
3	Desculpe, não consigo ler.
4	Ela deseja que o Rafael leve o café para ela.
5	A Joana queria que o Rafael lhe levasse o café.
6	Ela queria que o Rafael lhe fosse buscar água.
7	A Joana tinha sede, mas estava demasiado cansada para se levantar ou ir buscar uma bebida e queria que Rafael fosse buscá-la para ela.
8	Traz-me um copo de água.
9	Ela quer que o Rafael lhe pague uma bebida.

10	Ela queria continuar a sentar-se na cafetaria e a relaxar.
11	A Joana pretende que Rafael lhe vá buscar um copo de água.
12	Ela quer que o Rafael lhe leve café.
13	A Ana queria que o Rafael a ajudasse a ir buscar algo para beber.
14	A Joana quer que o Rafael lhe vá buscar café.
15	Ela quer que o Rafael lhe traga café.
16	A Joana quer que o Rafael a ajude a pedir algo para beber.
17	Quer o Rafael trazer água para ela.
18	Ela está cansada.
19	A Joana quer que o Rafael lhe peça um café.
20	Podes trazer-me um copo de água?
21	Ela estava a sentar-se na cadeira, como estava muito cansada, não conseguiu levantar e sair.
22	Ela queria beber agora, mas estava cansada e não queria ir buscar a sua própria bebida, queria que o Rafael lhe servisse um copo de água.
23	Ela queria que ele lhe trouxesse café.
24	Ela está tão cansada que não se levantar, precisa de o café para se acorda.
25	A Joana quer que o Rafael lhe pague uma chávena de café.
26	Ela estava cansada, tinha sede e estava com sono, e queria descansar e dormir.
27	A café não o acorda.
28	O trabalho é aborrecido.
29	Ela estava tão cansada que não se conseguia levantar.
30	Ela quer que o Rafael lhe compre água.
31	Ela não se quer mover.
32	Ela tinha sede, mas estava tão cansada que nem se conseguia levantar.
33	A Joana pede ao Rafael que lhe leve água.
34	Quer outra pessoa dar-se um copo da água.
35	Traz-me um copo de água, não tenho vontade de me levantar.
36	A Joana quer que o Rafael peça um café para ela.
37	Ela está cansada e não quer mudar.
38	Ela quer que o Rafael compre ou vá buscar água para ela.
39	Pedir ao rapaz para lhe trazer um copo de água.

40	A Joana está cansada mas com sede e quer que Rafael lhe arranje uma bebida.
41	A Joana estava tão cansada que não conseguia acompanhar a conversa do Rafael.
42	Ela está tão cansada, por isso não tem força para abrir o copo de água.
43	Ela quer que o Rafael ajude a levar um copo para beber.
44	Rafael, podes arranjar-me uma bebida?
45	Estou cansada, mas não me quero levantar. Vai lá comprá-la para mim!
46	A Joana está a sentir-se muito cansada.
47	Ela não quer beber café e quer sair.

Tabela 1 - Respostas do Exercício 3.a)

Nesta interação, a Joana mostra-se, num café, com muita sede e sem vontade de se mover e, no contexto da conversa, não é difícil deduzir que ela gostaria de beber algo para saciar a sua sede, mas está tão cansada que não tem energia para fazê-lo, por isso, ela queria que o Rafael fosse buscar a bebida para ela.

Entre todas as respostas dos alunos, pode verificar-se que as respostas se dividem em duas grandes categorias, com 70% dos alunos a responderem que a Joana queria mesmo que o Rafael lhe fosse buscar alguma coisa para beber, o que significa que eles conseguem perceber o que Joana não mencionou explicitamente e distinguir o ato de fala indireto nesta frase.

As respostas restantes limitaram-se ao significado literal da questão, ou seja, que a Joana estava demasiado cansada e simplesmente queria sentar-se e descansar. Eles não entenderam as verdadeiras intenções da Joana e não descobriram os atos de fala indiretos envolvidos.

3.b): A Sabrina estava a falar com a sua nova amiga Maria e disse: “Ouvi dizer que este filme é muito interessante”. Pode escrever o que é que ela estava a implicar com esta frase?

Número	Resposta
1	A Sabrina quer convidar a sua nova amiga Maria para ver o filme.
2	Ei, bonita, vamos ver um filme.

3	Eu também não consigo entender.
4	Ela queria perguntar à Maria se ela queria ver o filme ou perguntar-lhe se ela sabia deste filme.
5	A Sabrina gostaria de convidar a sua nova amiga Maria para ver o filme juntamente com ela ou gostaria de recomendar a sua nova amiga para ver esse filme.
6	A Sabrina tem vontade de ver este filme.
7	A Sabrina disse à sua nova amiga Maria que tinha ouvido dizer que o filme era interessante e que queria ir vê-lo com a Maria, ela estava à espera da resposta da Maria.
8	Ela queria perguntar à sua amiga: " Vamos ao cinema?"
9	A Sabrina pretende ir ver este filme
10	Ela quer ver o filme.
11	A Sabrina quer ver o filme.
12	Ela queria convidar a Maria para ir ao cinema com ela.
13	A Sabrina gostaria de convidar a Maria para ver o filme com ela.
14	A Sabrina quer chamar a Maria para ir ao cinema com ela
15	A Sabrina gosta de ir ao cinema.
16	A Sabrina quer convidar a Maria para ir ao cinema
17	Ela quer ver este filme com a Maria.
18	Ela queria ver este filme.
19	A Sabrina gostaria de convidar a Maria para ver esse filme com ela.
20	Quero ir ver este filme contigo.
21	A Sabrina sugeriu que gostava de ver o filme com a Maria porque tinha ouvido dizer que era interessante.
22	A Sabrina quer convidar a Maria para ir ao cinema com ela.
23	Ela quer ir ver o filme.
24	Ela queria assistir este filme.
25	A Sabrina quer que a Maria a acompanhe ao cinema.
26	"Ouvi dizer que este filme era bom, queres vir comigo vê-lo?"
27	Ela queria ver o filme com ela ou introduzi o filme para ela.
28	Ela está a convidar a Maria para ir ao cinema.
29	Ela tinha ouvido as pessoas dizerem que era um bom filme.
30	Ela quer ir ao cinema com a Maria.
31	Ela quer ver este filme.
32	Ela tinha ouvido dizer que o filme era interessante.
33	A Sabrina quer ver um filme com a Maria.

34	Quer convidar ela para ver o filme.
35	Vamos vê-lo juntas. É um bom filme.
36	A Sabrina quer ver esse filme.
37	Ela quer ver este filme.
38	A Sabrina quer testar a Maria para saber se ela quer ir ver o filme com ela.
39	Ela quer ir ao cinema.
40	A Sabrina talvez queira convidar a Maria para ver um filme juntas.
41	A Sabrina quer convidar a sua amiga para ir ao cinema.
42	Queria ver o filme com a sua nova amiga.
43	Ela quer ver este filme com a amiga.
44	Maria, queres vir comigo ver este filme?
45	Olá, gostaria de ver este filme contigo.
46	Joana, já ouvi dizer que esse filme é interessante.
47	Ela quer ver este filme com a sua amiga Maria.

Tabela 2 - Respostas do Exercício 3.b)

Para essa questão, com base na frase dada, a Sabrina está a implicar que tem conhecimento prévio ou recebeu informações de terceiros sobre o filme em questão, indicando que o filme é considerado muito interessante. A implicação é que a Sabrina, ao compartilhar essa informação com a sua nova amiga, Maria, está a sugerir que elas poderiam assistir juntas. A Sabrina talvez fosse demasiado tímida ou envergonhada para perguntar diretamente à Maria se ela queria ir ao cinema, mas em vez disso utilizou uma expressão diferente para testar cuidadosamente a vontade da Maria, com a esperança de que ela pudesse tomar a iniciativa e dizer: "Bem, vamos ao cinema".

Nesta questão, as respostas foram mais díspares, com cerca de 70% dos alunos a identificarem os verdadeiros pensamentos da Sabrina e a considerarem que a Sabrina queria convidar a Maria para ir ao cinema com ela. 23% dos alunos pensaram que a Sabrina queria ver o filme. No entanto, esta parte das respostas dos alunos não é completamente rejeitada, porque, de facto, as frases do diálogo também podem ser compreendidas como se fosse a Sabrina que quisesse muito ver o filme e só estivesse a falar com a Maria para partilhar o assunto.

Os outros 7% dos alunos pensaram simplesmente que a Sabrina ouviu dizer que o filme era interessante. É bem possível que eles não tenham entendido a conversa suficientemente bem para relacionar o facto de que a Sabrina, enquanto discutia com a Maria que o filme era interessante, queria mesmo convidá-la para irem ver o filme interessante juntas.

3.c): *A Maria e o seu colega João estavam a discutir a divisão de uma tarefa no seu emprego, e a Maria diz ao João: “Tu tens mais experiência nesta área do que eu”. Pode escrever o que é que ela estava a implicar com esta frase?*

Número	Resposta
1	A Maria queria que o João liderasse o trabalho porque o João tinha mais experiência do que ela.
2	Esta parte de trabalho é sua!
3	Não consigo ler frases longas.
4	Deixe que alguém que tenha experiência faça o trabalho.
5	A Maria sentiu que o João tinha razão e obedeceu ao João.
6	A Maria queria que o João fizesse o trabalho.
7	Quando distribuía tarefas, a Maria dizia ao João: "Tu tens mais experiência do que eu nesta área" pelo que queria o João a trabalhar mais.
8	A Maria queria que o João distribuísse a tarefa.
9	A Maria queria que o João fizesse a área em que tinha mais experiência.
10	A Maria gostaria que o João lhe desse uma ajuda ou fizesse mais alguns conselhos.
11	Ela queria que o João distribuísse o trabalho.
12	A Maria quer que o João trabalhe mais.
13	Maria queria que João se responsabilizasse por esta parte do trabalho.
14	A Maria quer o João como o responsável pelo trabalho.
15	A Maria queria que o João fizesse o trabalho que lhe tinha sido atribuído.
16	A Maria acha que o João é a pessoa mais adequada para realizar este projeto.
17	Ela não quer fazer esta tarefa.
18	Pode me ajudar com esta tarefa?
19	A Maria quer que o João faça mais trabalho.
20	Ela queria que o João executasse mais trabalho.
21	A Maria acha que o João tem mais experiência no domínio do trabalho e gostaria que ele a ajudasse e ensinasse mais.

22	Ela quer que o João assuma mais responsabilidades no trabalho.
23	Ela queria que ele fizesse esse parte do trabalho.
24	Ela espera o João fazer uma parte da tarefa.
25	A Maria queria que o João trabalhasse mais.
26	A Maria considerava que o João tinha mais experiência e queria que ele a distribuísse.
27	Ela queria João ajuda-se na tarefa.
28	O João convenceu-a.
29	A Maria acha que o João tem mais experiência neste domínio do que ela.
30	A Maria quer pedir auxílio ao João
31	Ele é mais adequado para esta tarefa.
32	O João tem mais experiência neste campo do que a Maria.
33	A Maria quer que o João a treine mais.
34	João é mais afiado do que ela
35	O João é mais do que competente para fazer o trabalho. Ela espera que ele faça mais e desempenhe um papel mais importante nesta tarefa.
36	A Maria quer que lhe seja atribuído menos trabalho do que ao João.
37	Pede-lhe que se ajuda.
38	A Maria queria pedir mais ajuda ao João para esta tarefa.
39	A Maria queria que o João fizesse esta parte.
40	A Maria quer que o João partilhe mais atribuições.
41	A Maria pensa que o João tem mais experiência neste domínio e quer que o João seja o responsável por esta área.
42	A maria acha que o João deve fazer mais do que ela ou ensina ela mais.
43	Ela quer que o colega dela faça este trabalho.
44	A Maria pensou para si própria: "João, tu tens mais experiência do que eu, podes fazer esta tarefa."
45	A Maria achava que o João era o mais capaz e queria que fosse ele a fazer o trabalho.
46	A Maria considera que o João tem mais experiência e gostaria que o João trabalhasse numa distribuição de tarefas lógica e eficaz.
47	A Maria espera que o João possa liderá-lhe para fazer a tarefa e fazer mais.

Tabela 3 - Respostas do Exercício 3.c)

Em virtude do contexto da conversa, podemos perceber que a Maria quer dizer que ela reconhece a competência do seu colega João naquele domínio específico, ou seja, reconhece

que o João tem um nível mais elevado de conhecimentos e capacidades nesta área do que ela própria. Isso implica que ela talvez sugira que o João desempenhe um papel mais importante ou uma parte determinada da tarefa, considerando a sua experiência superior.

As respostas a esta pergunta também se dividiram em três grandes tipos: 72% dos alunos pensaram que a Maria queria que o João tomasse as decisões e assumisse a liderança na distribuição do trabalho. Provavelmente, a maior parte dos alunos leu o contexto da conversa, combinando-o com o seu próprio raciocínio e análise do conteúdo da conversa, para obter esta resposta, e deduziram perfeitamente o verdadeiro sentido do ato de fala indireto da expressão da Maria.

23% dos alunos responderam que a Maria gostaria que o João a ajudasse no trabalho ou a aconselhasse. As respostas deste grupo de alunos, que também não podiam ser consideradas erradas, analisaram o significado da pergunta e fizeram suposições e inferências sobre as implicaturas conversacionais da Maria. Quando a Maria disse esta frase ao João, provavelmente também esperava que o João, com a sua excelente experiência, pudesse contribuir mais para as discussões ou ajudar a Maria no seu trabalho, para que ela pudesse cumprir melhor com as tarefas atribuídas.

Outros 5% dos alunos pensaram que a Maria considerou que o João era mais experiente no seu trabalho. Esta parte dos alunos, se calhar, apenas leu o que a Maria disse mas não o analisou de acordo com o contexto da conversa, pelo que as respostas desses alunos não têm muita relevância para a verdadeira intenção do discurso da Maria e não revelam o significado das palavras da Maria.

3.d): O Miguel e a sua colega Susana estavam a discutir os detalhes de um projeto e o Miguel disse: “A sua proposta parece-me bem, mas talvez precisemos de considerar alguns outros fatores”. Pode escrever o que é que ele estava a implicar com esta frase?

Número	Resposta
1	O Miguel discordou da proposta de Susana e considerou que Susana não tinha tido em conta outros fatores.
2	O Miguel gostaria que a Susana usasse um pouco mais o seu cérebro e o mudasse a ideia.
3	A frase é longa para ler.

4	Esta proposta ainda precisa de ser considerada.
5	O Miguel considera que a proposta da Susana não é suficientemente boa e deve ser alterada.
6	O Miguel não aceitou a proposta da Susana.
7	As sugestões da Susana não são boas ou não respondem aos pontos principais e as coisas não avançam.
8	A proposta não é bastante clara.
9	O Miguel não vai adotar a proposta da Susana.
10	O Miguel considera que as opiniões da Susana não são totalmente corretas ou irrelevantes.
11	Ele não vai aceitar a sugestão dela.
12	Ele espera que a Susana possa rever o projeto de acordo com outros fatores.
13	O Miguel recusou educadamente a proposta da Suzanne.
14	O Miguel não concorda com a opinião da Susana.
15	O conselho de Susana não é perfeito.
16	O Miguel não vai concordar com a ideia de Susana.
17	A proposta da Susana não vai ser considerada.
18	Tu tens de considerar mais, a proposta sua não é bom.
19	O Miguel acha que a proposta da susana não é suficientemente boa.
20	A ideia da Susana não resulta.
21	O Miguel não concordou com a proposta da Susana.
22	O Miguel sente que a proposta da Susana não é perfeita e que falta alguma coisa.
23	Ele não queria aceitar a sugestão dela.
24	Embora a proposta dela seja bem-sucedida, precisam de tomar outros fatores em consideração. Por isso, não fazem todo o plano como a proposta dela.
25	O Miguel acha que os conselhos da Susana não são suficientemente maduros.
26	O Miguel vai dizer a Susana: "a tua proposta é ótima, mas talvez tenhamos outros fatores a considerar, não achas?"
27	Ele pensa que a proposta não está boa.
28	A proposta da Susana é inapropriada.
29	Ele acha que a proposta da Susana ainda existe defeitos.
30	O Miguel está a rejeitar educadamente a proposta da Susana.
31	O Miguel não concordou muito com a sua ideia e o conselho.
32	O Miguel acha que o conselho da Suzana é bom para ele, mas pode também haver outros fatores a considerar.
33	O Miguel discorda da sugestão da Susana.

34	Ainda precisa de mais melhores.
35	O Miguel não queria adotar a proposta da Susana, mas teve de recusar delicadamente para manter as aparências.
36	O Miguel considera que a proposta deixa algo a desejar.
37	Completa o projeto com a minha opinião.
38	O Miguel não ficou muito satisfeito com a resposta à pergunta e quis apresentar ideias de forma polida.
39	O conselho da Suzanne não tem em conta todos os fatores e precisa de ser melhorado.
40	O Miguel considera que a proposta da Susana apresenta algumas lacunas e que alguns fatores não foram tidos em conta.
41	O Miguel acha que a Susana tem feito um bom trabalho, mas há outros fatores a ter em consideração e algumas áreas a corrigir.
42	O Miguel acha que a proposta da susana precisa de ser melhorada mais.
43	Ele não vai tomar a proposta do Miguel diretamente, talvez não goste.
44	A sugestão da Susana não corresponde à realidade.
45	A proposta da Susana não é nada boa.
46	O Miguel concorda, de um modo geral, com a proposta da Susana, mas há algumas imperfeições na proposta da Susana que precisam de ser corrigidas.
47	O Miguel acha que o projeto não é perfeito. Ainda tem muitos para considerar.

Tabela 4 - Respostas do Exercício 3.d)

As respostas a esta pergunta pareceram mais diversificadas, com os alunos a apresentarem quatro direções para as suas respostas, com 36,3% dos alunos a acreditarem que a proposta da Susana não era boa e não era aprovada pelo Miguel. 27,6% dos alunos achavam que o Miguel não adotaria a proposta da Susana. 25,5% dos alunos achavam que o Miguel considerava que a proposta da Susana era inadequada e precisava de mais alterações. Outros 10,6% dos alunos consideraram que o Miguel achava que a proposta da Susana era boa, mas que havia outros fatores a considerar.

Esses resultados indicam que a maioria dos alunos consegue perceber a implicação conversacional do que o Miguel disse. Como a conversa ocorre num local de trabalho onde os colegas não são tão próximos como os amigos, é importante não utilizar uma linguagem demasiado direta, mas utilizar uma linguagem educada para preservar a face uns dos outros, mesmo que o que se pensa não seja exatamente o que se está a dizer. Nas palavras de Bian,

isso pode ser explicado como: “A polidez é o remédio de uma ameaça à face, a prevenção de conflitos” (2018, p. 51).

Quanto aos alunos que escreveram o último tipo de resposta, eles provavelmente não notaram que havia um significado mais profundo ou escondido por trás das palavras do Miguel. Kuang (2010) refere que quando um orador faz um determinado discurso com uma intenção social, o ouvinte inicia a construção de um contexto cognitivo para inferir o seu significado. Uma vez que tanto o discurso como o ato comunicativo estão relacionados, a compreensão do discurso torna-se uma procura de componentes contextuais relevantes. Esses alunos compreenderam apenas o significado literal da conversa e é possível que não tenham tomado em consideração o contexto em que a conversa teve lugar. Também não conseguiram analisar ou levar em conta o facto de que o orador não está a expressar diretamente os seus verdadeiros pensamentos, mas está a dar sugestões a Susana de uma forma mais eufemística.

3.2.3 Resultados dos Exercícios da Parte 4

Relativamente à última parte do exercício, o principal objetivo é explorar e saber se os alunos conseguem compreender esses dois conceitos depois de terem feito os exercícios anteriores sobre atos de fala indireta e implicaturas conversacionais. O exercício também permite conhecer as atitudes dos alunos com respeito a estas duas estratégias discursivas.

4.a): Agora que já explorou vários atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais, considera que os usa no seu dia a dia?

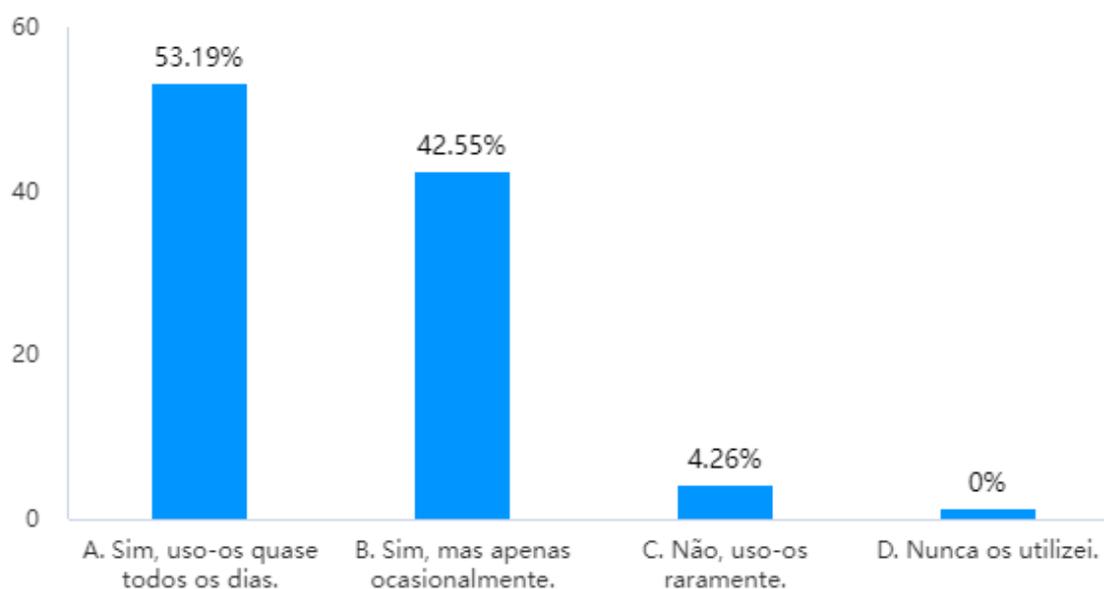


Gráfico 12 - Resultados do Exercício 4.a)

A partir das escolhas dos alunos, observamos que cerca de metade deles (53,19%) utiliza atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais bastante frequentemente, quase todos os dias. 42,55% dos alunos utilizam atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais ocasionalmente nas suas vidas. Podemos inferir que a maioria dos alunos consegue reconhecer que o que eles dizem contém atos de fala indiretos ou implicaturas conversacionais e que os usam de vez em quando na sua comunicação.

4,26% dos alunos não utilizam muito essas duas estratégias discursivas, mas penso que não devemos excluir a possibilidade de esses alunos não terem reconhecido muito bem os atos de fala indiretos ou as implicaturas conversacionais no que disseram, ou seja, eles talvez tenham falado de forma indireta ou sugestiva numa conversa com as outras pessoas, mas não repararam ou não se consciencializaram disso.

4.b): Na sua vida quotidiana, já encontrou outros a utilizar os Atos de Fala Indiretos ou Implicaturas Conversacionais?

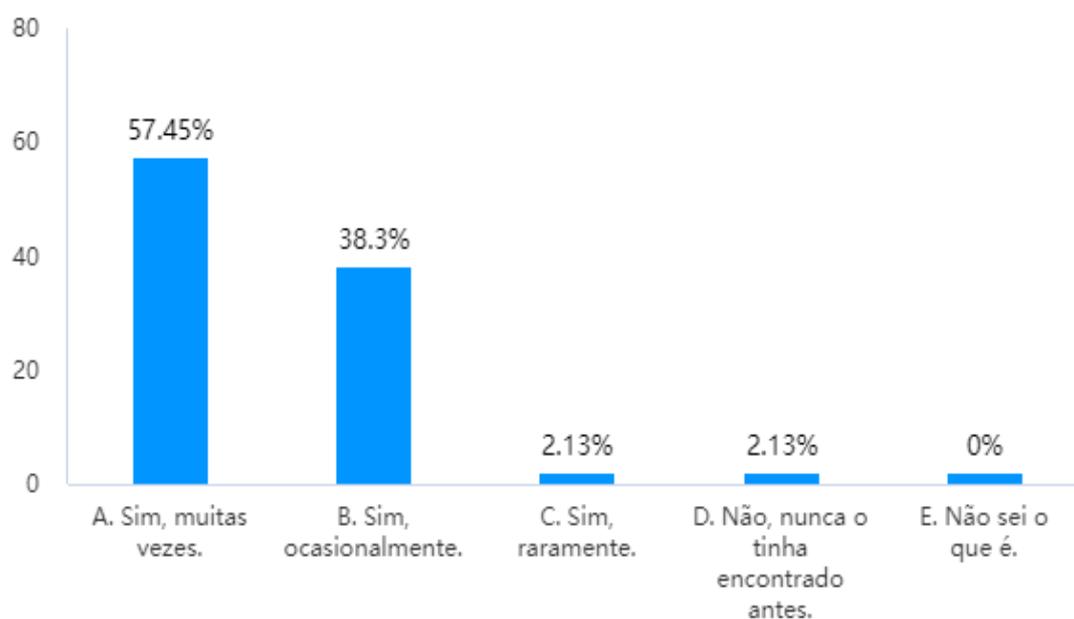


Gráfico 13 - Resultados do Exercício 4.b)

Nessa questão, 57,45% dos alunos acham que encontram frequentemente pessoas que dizem frases com atos de fala indiretos ou implicaturas conversacionais na sua vida, enquanto 38,3% dos alunos acham que ouvem ocasionalmente essas conversas. Constatamos que depois de ter uma compreensão geral do significado dos atos de fala indiretos e das implicaturas conversacionais, este grupo de alunos tem capacidade de distinguir se as palavras ditas pelos outros contêm essas duas estratégias discursivas.

Em contrapartida, 2,13% dos alunos disseram que raramente tinham ouvido outros falarem de forma indireta ou sugestiva, e outros 2,13% disseram que nunca tinham encontrado outros a falarem de forma indireta ou sugestiva com eles. Supõe-se que alguns alunos ainda não tenham uma boa compreensão do que são atos de fala indiretos ou as implicaturas conversacionais depois de responderem às questões, pelo que não são capazes de detetar bem o discurso indireto ou as implicaturas conversacionais na sua vida quando falam com os outros.

4.c): Em qual dos seguintes contextos há mais probabilidades de utilizar Atos de Fala Indiretos ou Implicaturas Conversacionais? Pode escolher mais do que uma resposta.

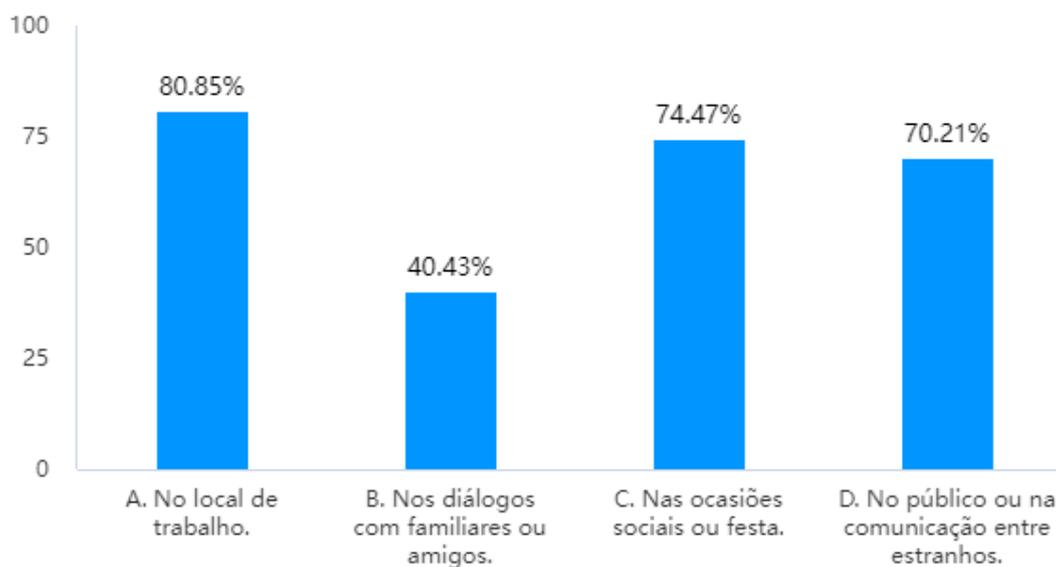


Gráfico 14 - Resultados do Exercício 4.c)

A partir das respostas a esta pergunta, verifica-se claramente que os alunos têm mais tendência a utilizar os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais quando estão no local de trabalho ou com estranhos, diferentemente do que acontece quando estão com familiares ou amigos, revelando mais diretamente os seus verdadeiros desejos e usando menos essas duas estratégias discursivas. Asher e Lascarides (2006, p.68) declaram no seu artigo que o papel da distância social, do poder e da proximidade dos interlocutores numa conversa em relação à incivildade verbal não pode ser ignorado, sendo que as mesmas palavras ditas entre pessoas próximas e de posição social semelhante não constituem incivildade verbal, mas se forem ditas entre pessoas de posição diferente ou que não são próximas, causarão provavelmente conflito ou contradição.

Para além destes fatores sociais, o contexto cultural e a influência da família de origem são também fatores que poderão influenciar o comportamento linguístico, já que diferentes contextos culturais conduzem a diferentes hábitos linguísticos. Dado que os alunos participantes do teste são todos falantes nativos de chinês, a direção das suas respostas a esta pergunta é bastante uniforme. Porque na cultura chinesa, desde a antiguidade que se ensina

que, quando contactamos com outras pessoas, “喜怒不行于色(não se deve mostrar a felicidade ou a raiva no seu rosto, e não se deve dizer o que se gosta ou se odeia)”. (Chen, 2017, p. 1685)

A maioria dos chineses mantém uma certa distância e fala de forma mais educada quando se trata de pessoas que não são tão próximas. Sobretudo no local de trabalho, as pessoas preferem quebrar o princípio da cooperação conversacional e utilizar atos de fala indiretos ou implicaturas conversacionais para manter a face do líder ou de outros colegas, preservando assim uma comunicação positiva e alcançando uma situação de comunicação vantajosa para todos.

4.d): Na sua opinião, qual é o papel dos Atos de Fala Indiretos e Implicaturas Conversacionais na comunicação? Por favor, escolha 1-2 respostas.

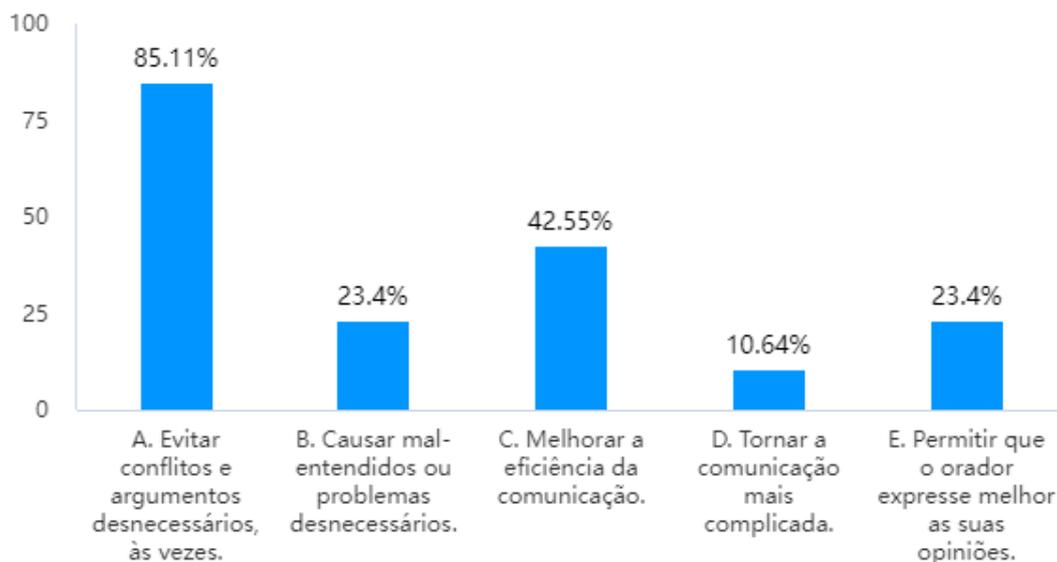


Gráfico 15 - Resultados do Exercício 4.d)

Nesta pergunta, a maioria dos alunos escolheu as opções com efeitos positivos A, C e E, pensando que os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais permitem reduzir os conflitos na comunicação interpessoal, aumentar a eficiência e exprimir melhor as opiniões. Para os chineses, a utilização de atos de fala indiretos e de implicaturas

conversacionais numa conversa é, de facto, uma forma eficaz para reduzir o embaraço, tornar as suas opiniões ou ideias mais suaves e acrescentar humor.

Poucos alunos escolheram as opções com impacto negativo B e D, as quais associam os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais a conversas mais difíceis de compreender ou a mal-entendidos.

No entanto, essas opiniões não são irracionais, pois cada pessoa tem um nível de educação diferente e existem barreiras de informação entre os indivíduos. Isto é especialmente evidente na comunicação intercultural, porque não é fácil perceber o que o falante nativo está a dizer se não está bem integrado, não aprendeu a língua ou não conhece o contexto cultural.

Para os alunos de PLE, se não possuírem vocabulário português suficiente para ouvir as palavras pronunciadas pelo interlocutor, é difícil entender o significado do diálogo com um falante português.

Mesmo quando a outra pessoa exprime diretamente as suas necessidades, os alunos têm a tendência a não entender, sem falar quando a outra pessoa utiliza uma linguagem indireta ou sugestiva, neste caso, causará definitivamente mais obstáculos à compreensão. Por exemplo, nas questões da parte 3, alguns alunos declararam que não conseguiam entender as questões o que fez com que não conseguissem compreender o significado dos diálogos.

4.e): Os Atos de Fala Indiretos e Implicaturas Conversacionais são considerados como formas importantes de comunicação na sua cultura?

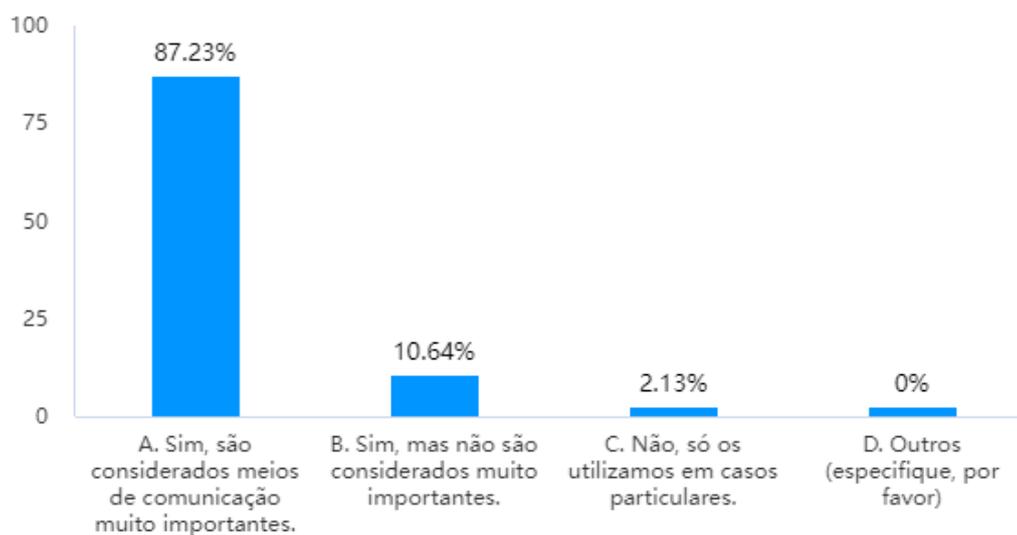


Gráfico 16 - Resultados do Exercício 4.e)

A opção A foi escolhida por 87,23% dos alunos, o que quer dizer que a grande maioria dos alunos concordou que os atos de fala indiretos são considerados uma forma de comunicação muito importante na cultura chinesa. Na minha opinião, a principal razão para isso é que, através da utilização de uma linguagem implícita ou indireta, as pessoas são capazes de prevenir conflitos diretos ou situações embaraçosas e conservar a face para garantir as relações sociais e interpessoais.

Os atos de fala indiretos ajudam as pessoas a permanecerem educadas e modestas ao expressarem opiniões ou solicitações, evitando também a pressão sobre a outra pessoa, mantendo assim o respeito e a cortesia.

Para além disso, a utilização de linguagem indireta também pode evitar a rejeição direta de outras pessoas. Na cultura chinesa, a rejeição direta de um pedido ou exigência de outra pessoa tem o risco de ser vista como ofensiva ou indelicada. Assim, as pessoas tendem a utilizar uma linguagem indireta para expressar de forma suave as suas discordâncias ou a sua incapacidade de satisfazer as necessidades dos outros.

4.f): Pensa que a compreensão e a utilização dos Atos de Fala Indiretos e Implicaturas Conversacionais o ajudarão a comunicar de forma mais eficaz?

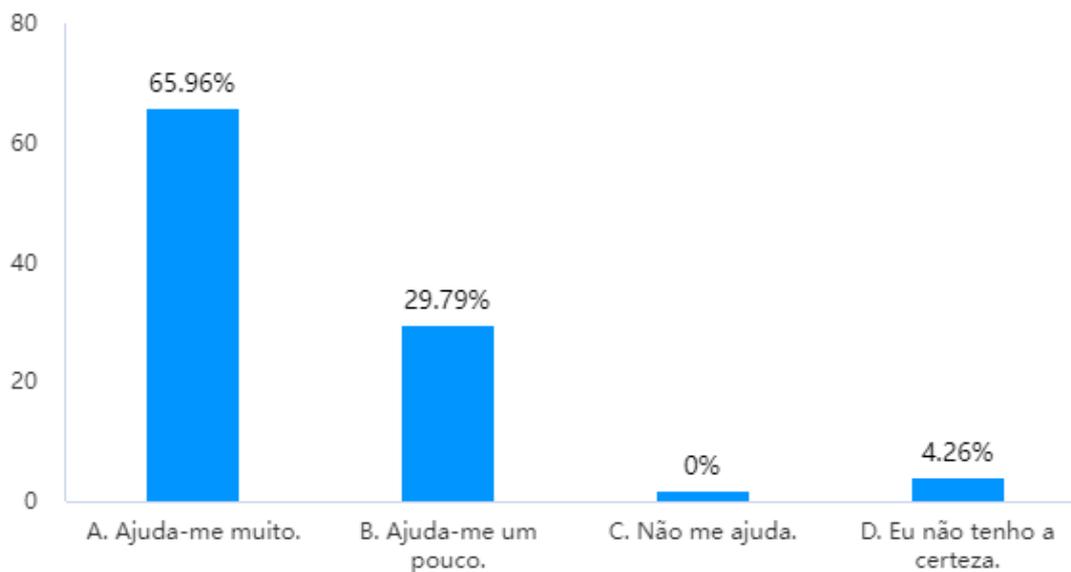


Gráfico 17 - Resultados do Exercício 4.f)

Quanto a esta última questão, 65,96% dos alunos consideram que é bastante útil conhecer e utilizar os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais na comunicação, e 29,79% acham que estas duas estratégias discursivas têm alguma utilidade para a comunicação. De facto, particularmente para os alunos de PLE, é importante conhecer as estratégias discursivas e os atos de fala indiretos na aprendizagem de uma língua desconhecida, para que se possa perceber e utilizar melhor as expressões não diretas. Dessa forma, tornar-se-ão mais confiantes e fluentes quando comunicam com falantes nativos portugueses. Mais ainda, com o conhecimento destas expressões indiretas, os alunos poderão ter uma melhor compreensão do contexto cultural dos países lusófonos e, assim, serão mais sensíveis e flexíveis na comunicação intercultural.

E, na aprendizagem da língua portuguesa para alunos de PLE, o conhecimento das implicaturas conversacionais e dos atos de fala indiretos permitem aos alunos expressarem-se de uma forma mais variada. Os alunos aprenderão a utilizar técnicas retóricas, metáforas e alusões, para enriquecer as suas expressões linguísticas.

Ao mesmo tempo, a compreensão de implicaturas conversacionais e de atos de fala indiretos exige frequentemente que os alunos raciocinem e façam inferências. Ao aprender

e aplicar estas estratégias, os alunos melhorarão as suas capacidades de interpretação e compreensão e obterão melhores conhecimentos sobre textos e conversas complexas em português.

Em geral, o conhecimento e a utilização das implicaturas conversacionais e dos atos de fala indiretos contribuem imenso para a aprendizagem do português para estudantes de PLE. Não só aumentam as competências comunicativas dos alunos, como também promovem o seu desenvolvimento da comunicação intercultural e das relações interpessoais.

3.3 Análise Geral do Teste

Quanto ao questionário e aos resultados recolhidos, podemos constatar que cerca de 95% dos alunos que participaram no teste têm um nível de proficiência do português entre B1 e B2 (de acordo com o Gráfico 2), e 77% dos alunos participaram num curso de inglês (de acordo com o Gráfico 4), o que significa que eles têm uma base linguística em português e inglês que, provavelmente, auxiliará na compreensão das perguntas em português.

Os resultados das questões da Parte 2 mostram que a maioria dos alunos não conheciam a definição de atos de fala indiretos e, nas questões de escolha única, a percentagem de erros foi bastante elevada. Mesmo assim, a percentagem de acerto das respostas dos alunos foi aumentando gradualmente com o passar das questões, o que indica que os alunos começaram a explorar lentamente os atos de fala indiretos nas perguntas do teste. No entanto, ainda existe um pequeno número de alunos que foram incapazes de distinguir os atos de fala indiretos.

Na terceira parte, a grande parte dos alunos revelou uma compreensão preliminar dos atos de fala indiretos e das implicaturas conversacionais, bem como a capacidade de identificar as verdadeiras necessidades do orador ou o que o orador queria expressar nesses diálogos contextuais. Tal como nos resultados das perguntas da segunda parte, um pequeno grupo de alunos apenas conseguiu captar os significados literais dos oradores.

Na quarta parte, verificou-se que alguns alunos possuíam um conhecimento impreciso dessas duas estratégias discursivas, pois mencionaram nunca ter ouvido ninguém a dizer qualquer coisa que envolvesse os atos de fala indiretos ou as implicaturas conversacionais.

De modo geral, depois da realização desse teste *online*, conclui-se que os participantes neste teste, embora não soubessem as definições de atos de fala indiretos e de implicaturas conversacionais claramente antes de realizarem o teste, depois de o fazerem, ficaram a saber, em maior ou menor grau, que tipo de comportamentos ou expressões contêm atos de fala indiretos ou implicaturas conversacionais, que utilizam essas duas estratégias conversacionais nas suas comunicações com os outros. Além disso, quase todos os alunos afirmaram os efeitos positivos destas duas estratégias conversacionais no diálogo cotidiano.

Capítulo IV – Conclusão

Através da leitura e pesquisa da literatura, podemos concluir que as implicaturas conversacionais e os atos de fala indiretos são dois estilos de organização da comunicação comuns que transmitem determinadas informações através de manifestações como insinuações, sugestões indiretas, sarcasmo e humor, etc. Esses dois métodos de comunicação encontram-se frequentemente em diversas situações sociais, incluindo conversas quotidianas, locais de trabalho e redes sociais, e têm uma forte dependência cultural e contextual. Deste modo, para compreender as implicações dos diálogos, é importante para os leitores ou ouvintes terem em atenção os significados que não são literais nos discursos e interpretarem a intenção do orador através do seu contexto, tom de voz, linguagem corporal e outros fatores.

No presente estudo, exploramos a compreensão e a utilização de atos de fala indiretos e de implicaturas conversacionais por parte de estudantes chineses que aprendem português como língua estrangeira (PLE). Através de análise pormenorizada dos dados recolhidos, conseguimos alcançar determinadas conclusões: a nossa investigação salienta, em primeiro lugar, para os estudantes chineses que estão a aprender PLE, os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais têm um carácter bastante complexo, e essas estruturas e expressões linguísticas têm tendência a colocar alguns desafios aos estudantes que aprendem línguas estrangeiras. Observamos que muitos alunos têm dificuldades em identificar e utilizar adequadamente os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais, o que sugere a necessidade de estratégias mais direcionadas e práticas.

Além disso, observámos ainda que há diferenças na compreensão e aplicação dos atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais entre os alunos, diferenças essas que dependem frequentemente da visão que os alunos têm sobre o mundo, os valores e a vida, as culturas próprias e os diferentes níveis de aprendizagem do português. Isto também sublinha a importância de considerar o aspeto cultural no ensino dessas estruturas linguísticas em português, ajudando assim os alunos de PLE na compreensão não só da língua, mas também das diferenças culturais na comunicação social.

Devido às limitações associadas ao nível de investigação, a pesquisa sobre os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais ainda está numa fase superficial, tendo muitas imperfeições. A análise e os exemplos apresentados nesta tese não são abrangentes, existindo muitos casos diferentes sobre a utilização destas duas estratégias conversacionais que não foram referidos. Mesmo assim, espera-se que a presente tese ajude os leitores e os alunos de língua portuguesa a conhecer melhor as implicaturas conversacionais e os atos de fala indiretos, que fomente o interesse por esta área e que este trabalho ajude a consciencializar os professores de PLE para a interculturalidade.

Referências Bibliográficas

- Asher, N., & Lascarides, A. (2006). *Indirect Speech Acts*. <http://dx.doi.org/10.1023/A:1010340508140>.
- Austin, J. L. (1962). *How to do things with words* (2a ed.). Harvard University Press.
- Ávila, A. D. (2017). *Pressuposição e Implicaturas Griceanas: Considerações sobre As Inferências dos Verbos Factivos*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bian, M. (2015). 《花儿与少年 (第三季)》中违反合作原则与礼貌原则的会话含义研究 (*Um estudo das implicações conversacionais da violação dos princípios da cooperação e da polidez em Flores e Jovens (3ª época)*) (Dissertação de Mestrado). Universidade Normal de Guangxi, Guangxi.
- Bouton, L. (2007). *A cross-cultural study of ability to interpret implicatures in English*. <https://doi.org/10.1111/j.1467-971X.1988.tb00230.x>.
- Casal, M. S. (2008). *Semantics I*. Conversational Implicatures.
- Chapman, S. (2007). “Meaning”: Philosophical Forebears and Linguistic Descendants. *Teorema*, 16(2), 59-75.
- Chen, S. (2017). *三国志 (Registos dos Três Reinos)*. Xangai: Editora de Livros Antigos de Xangai.
- Costa, J. C. da. (2009). A Teoria Inferencial das Implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice. *Letras de Hoje*, 44, 12-17.
- Cunha, G. X., & Oliveira, A. L. A. M. (2020). *Teorias de impolidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema*. Estudos da Língua(gem). <https://doi.org/10.22481/el.v18i2.6409>.
- Duan, W., & Zhang, S. (2008). 自然意义与非自然意义之哲辨 (Filosofia dos significados naturais e não naturais). *Jornal da Universidade Normal do Nordeste*, 232(2), 85-91.
- Galvão, M. (2007). *Atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais*. Filosofia da Linguagem.
- Goffman, E. (1955). On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. *Journal for the Study of Interpersonal Processes*, 18, 213-231.
- Grice, P. H. (1967). *Logic and Conversation*. Harvard University Press.

- Grice, P. H. (1957). *The Philosophical Review*. Cornell University Press.
<https://doi.org/10.2307/2182440>.
- Huang, Y. (2014). *Pragmatics (Second Edition)*. Oxford University Press.
- Jin, L. (2005). 合作与会话——合作原则及其应用研究 (*Cooperação e Conversação - Um estudo dos princípios da cooperação e da sua aplicação* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Zhejiang, Zhejiang.
- Kuang, Z. (2010). 会话含义推理中交际意图的动态识别 (Identificação dinâmica da intenção comunicativa no raciocínio do significado conversacional). *Jornal da Universidade de Longdong*, 21(2), 100-102.
- Leech, G. N. (1983). *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- Levinson, S. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Li, D. (2022). 再探 Austin 与 Searle 的言语行为理论 (Revisão da teoria dos atos de fala de Austin e Searle). *Masterpieces Review*, 80, 150-153.
- Li, J., & Xue, Q. (2007). Interlanguage Pragmatics and Its Applications. *Applied Linguistics*, 1, 89-103.
- Li, L., & Xie, Z. (2004). 格赖斯会话含义理论批判 (Uma crítica à teoria do significado conversacional de Grice). *Jornal de Ciências Sociais de Jiangxi*, 28(6), 31-35.
- Li, X. (2021). 关于语用学中礼貌原则的再思考 (Repensar o princípio da polidez na pragmática). *Jornal de Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade da Ciência e Tecnologia de Jilin*, 898, 221-225.
- Li, X. (2023). 特殊会话含意表达与推理的逻辑结构 (Estrutura lógica das expressões implícitas e raciocínio na conversação especial). *Foreign Language Research*, 230(1), 111-118.
- Lopes, A. C. M. (2018). *Pragmática: uma introdução*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ma, L. (2018). 浅析语用学中的合作原则 (Uma análise do princípio de cooperação na pragmática). *Jornal do Instituto China-Rússia da Universidade de Heilongjiang*, 1(1), 29-33.
- Malcata, H. (2018). *Português Atual 3*. Edições Técnicas Lidel.
- Napoleon, M. M. Jr. (2018). Speech Act Theory: From Austin to Searle. *Journal for Humanities, Social Sciences, Business, and Education*, 19(1), 35-45.

- Searle, J. R. (1975). *Syntax and semantics, volume 3: speech acts*. Academic Press.
- Sun, Y. (1994). 间接语言现象的两种基本类型 (Dois tipos básicos de fenómenos lingüísticos indirectos). *Jornal da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai*, 91, 19-24.
- Watzlawick, P. (1967). *Pragmática da Comunicação Humana*. Editora Cultrix.
- Wu, Y. (2007). 奥斯汀和塞尔的言语行为理论探究 (Uma exploração da teoria dos actos de fala de Austin e Searle). *Jornal da Universidade Normal de Jilin*, 4, 60-63.
- Yan, X. (2017). *Chinese pragmatic strategies in verbal communication in light of game theory* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Shanxi, Shanxi.
- Zheng, L. (2014). 交际英语中间接语言的语用意义分析 (Uma Análise do Significado Pragmático da Linguagem Indireta no Inglês Comunicativo). *Jornal do Instituto de Educação de Heilongjiang*, 33(3), 131-148.

Anexos

Teste Aplicado

Este teste é anónimo e destinado a um trabalho de pesquisa com o título *Atos de Fala Indiretos e Implicaturas Conversacionais: um estudo com alunos chineses de PLE*, para obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Segunda na Universidade de Aveiro. O objetivo deste estudo é determinar o grau de conhecimento dos alunos de PLE em relação aos conceitos-chave “implicaturas conversacionais” e “atos de fala indiretos”, e identificar a capacidade de os alunos reconhecerem o objetivo comunicativo de determinados atos de fala indiretos.

O preenchimento do teste demorará cerca de 20 minutos. Os dados recolhidos são confidenciais e serão apenas utilizados para efeitos de investigação científica.

Muito obrigada pela sua participação e cooperação!

Parte 1 — Informações pessoais

1. Qual é a sua língua materna? (您的母语是什么?) _____

2. Há quantos anos é que estuda português? (您学习葡语多久了?) _____

3. Qual é o seu grau de proficiência da língua portuguesa? (您真实的葡语水平是什么?)

A1 A2 B1 B2 C1 C2 Falante Nativo

4. Continua em contacto com a língua portuguesa fora da sala de aula? (ler livros portugueses, falar português com outros, ouvir rádio portuguesa, etc.) (您是否还在课外接触葡语?)

Sim (especifique, por favor) _____

Não.

5. Fala outras línguas para além da sua língua materna e do português? (除母语和葡语外, 您是否还掌握其他语言?)

Quais são? _____

Há quanto tempo estuda cada uma delas? _____

Parte 2 — Compreensão dos *Atos de Fala Indiretos e Implicaturas Conversacionais*

a) Ouviu ou estudou os *Atos de Fala Indiretos* ou *Implicaturas Conversacionais*? (您是否听说或学习过间接语言行为或对话暗示?)

Sim (onde é que o ouviu/aprendeu) _____

Não.

b) Para si, o que é que são os *Atos de Fala Indiretos*? (您认为什么是间接语言行为?)

A. Não se expressar diretamente os sentimentos e as necessidades.

B. Utilizar uma linguagem que não é sincera ou ambígua na expressão.

C. Utilizar outros meios para além da fala para transmitir as mensagens (por exemplo, a linguagem corporal, etc.).

D. Utilizar um meio de esconder a verdade.

E. Não sei, não tenho a certeza do que é.

c) Quando alguém diz "**Está frio hoje, podes fechar a janela?**", que tipo de ato de fala é esse? (这句话是一种什么语言行为?)

A. Ato de fala direto.

B. Ato de fala indireto.

d) Qual das seguintes frases é um ato de fala direto? (下面哪种说法是**直接**言语行为?)

A. "Não gosto da forma que falas comigo."

B. "Estás a falar de forma muito grosseira."

C. "Por favor, muda a tua forma de falar."

e) Qual das seguintes frases **não** é um ato de fala indireto? (下面哪一项**不是**间接言语行为?)

A. "Pode ajudar-me a pegar naquele livro?"

- B. “Passe-me aquele livro, se faz favor.”
- C. “Eu não consigo alcançar aquele livro, pode passar-mo?”

f) Qual das seguintes frases **não** é um ato de fala indireto? (下面哪一项不是间接言语行为?)

- A. “Eu preciso de uma caneta.”
- B. “Eu gostaria de perguntar se tem alguma caneta extra?”
- C. “Por favor, dê-me uma caneta.”

g) Qual das seguintes frases **não** é um ato de fala indireto? (下面哪一项不是间接言语行为?)

- A. “Queres ir ver um filme comigo?”
- B. “Preferes ver filmes de comédia ou de terror?”
- C. “Há quanto tempo não vemos um filme juntos?”

Parte 3 — Análise das frases

1. Por favor, lê as seguintes conversações e responde brevemente às perguntas que se seguem. Pode responder em português/chinês/inglês. (请阅读对话，并简要回答下列问题。可用葡语/中文/英语作答。)

a) A Joana e o Rafael estavam a conversar num café, quando a Joana diz: "**Estou com sede, mas estou tão cansada... Nem me consigo levantar**".

Pode escrever o que é que ela estava a implicar com esta frase?

b) A Sabrina estava a falar com a sua nova amiga Maria e disse: "**Ouvi dizer que este filme é muito interessante**".

Pode escrever o que é que ela estava a implicar com esta frase?

c) A Maria e o seu colega João estavam a discutir a divisão de uma tarefa no seu emprego, e a Maria diz ao João: "**Tu tens mais experiência nesta área do que eu**".

Pode escrever o que é que ela estava a implicar com esta frase?

d) O Miguel e a sua colega Susana estavam a discutir os detalhes de um projeto e o Miguel disse: "**A sua proposta parece-me bem, mas talvez precisemos de considerar alguns outros fatores**".

Pode escrever o que é que ele estava a implicar com esta frase?

Parte 4 — Situação pessoal

a) Agora que já explorou vários atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais, considera que os usa no seu dia a dia? (现在你已经探索了一些间接言语行为和对话暗示，你认为你在日常生活中是否使用它们呢?)

- A. Sim, uso-os quase todos os dias.
- B. Sim, mas apenas ocasionalmente.
- C. Não, uso-os raramente.
- D. Nunca os utilizei.

b) Na sua vida quotidiana, já encontrou outros a utilizar os *Atos de Fala Indiretos* ou *Implicaturas Conversacionais*? (在您的日常生活中，您是否遇到过其他人使用间接言语行为或会话暗示?)

- A. Sim, muitas vezes.
- B. Sim, ocasionalmente.

- C. Sim, raramente.
- D. Não, nunca o tinha encontrado antes.
- E. Não sei o que é.

c) Em qual dos seguintes contextos há mais probabilidades de utilizar *Atos de Fala Indiretos* ou *Implicaturas Conversacionais*? Pode escolher **mais do que uma resposta**. (在以下哪些情境中，您更可能使用间接语言行为或会话暗示? **多选题**。)

- A. No local de trabalho.
- B. Nos diálogos com familiares ou amigos.
- C. Nas ocasiões sociais ou festa.
- D. No público ou na comunicação entre estranhos.

d) Na sua opinião, qual é o papel dos *Atos de Fala Indiretos* e *Implicaturas Conversacionais* na comunicação? Por favor, escolha **1-2 respostas**. (您认为间接语言在沟通中的作用是什么? 请选出 **1-2** 个选项。)

- A. Evitar conflitos e argumentos desnecessários, às vezes.
- B. Causar mal-entendidos ou problemas desnecessários.
- C. Melhorar a eficiência da comunicação.
- D. Tornar a comunicação mais complicada.
- E. Permitir que o orador expresse melhor as suas opiniões.

e) Os *Atos de Fala Indiretos* e *Implicaturas Conversacionais* são considerados como formas importantes de comunicação na sua cultura? (在您的文化背景中，间接性语言行为是否被认为是一种重要的沟通方式?)

- A. Sim, são considerados meios de comunicação muito importantes.
- B. Sim, mas não são considerados muito importantes.
- C. Não, só os utilizamos em casos particulares.
- D. Outros (especifique, por favor) _____

f) Pensa que a compreensão e a utilização dos *Atos de Fala Indiretos e Implicaturas Conversacionais* o ajudarão a comunicar de forma mais eficaz? (您是否认为了解并运用“会话暗示”和“间接语言行为”对于您的交流效果有帮助?)

- A. Ajuda-me muito.
- B. Ajuda-me um pouco.
- C. Não me ajuda.
- D. Eu não tenho a certeza.

Muito obrigada pela sua participação e cooperação!